ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
2ª SERIE
Nº 30
DIRECTOR
CARLOS MALHEIRO DIAS

Cosinheiros e poetas ◎ **De como a cosinha é uma fórma de Litteratura** ◎ **Palestra amavel com as nossas leitoras**

Homens de lettras cosinheiros? Poetas cosinheiros?

—«Póde lá ser!»—dirão as nossas gentilissimas leitoras para quem um poeta foi sempre alguma coisa de superhumano e de extra-terrestre, incapaz do minimo contacto com as grosserias da vida.—Que póde haver de commum entre o Ideal e o lombo de porco? Que intimas relações entre a séde de Infinito e o arroz á Valenciana? Como conciliar o Sonho com o *tournedos à la diplomate?* Que affinidades entre a emoção poetica e as batatas fritas?

Que affinidades?—Mas um mundo de affinidades, minhas senhoras!

É que vv. ex.^as não pensaram ainda no que ha de espiritual, no que ha de verdadeiramente poetico na instituição da cosinha. A cosinha é uma affirmação irrecusavel da superioridade do homem. Que arte immensa, para transformar uma peça de carne sangrenta e repugnante n'alguma d'essas deliciosas e perfumadas exquisitices quasi immateriaes que constituem o *menu* dos jantares modernos! Que prodigio de inspiração para fazer d'um tuberculo bosselado, terroso, immundo, desagradavel, as sumptuosas e celebres batatas *souflées*, ethereas, leves, douradas, transparentes! Que rasgo de genio representam o *foie-gras* de Strasburgo ou o pavão truffado dos cosinheiros francezes! Que immensa litteratura na arte de rechear gallinholas! Que assombro de concepção,—a do primeiro homem que se lembrou de juntar o primeiro ovo á primeira colher d'assucar!

E depois,—preparar um prato, dispôl-o sobre uma porcellana ou sobre o guardanapo dobrado d'uma bandeja de prata, coloril-o, illuminal-o, incrustal-o, dar os ultimos toques n'um *plum-pudding*, cravar a ultima espada n'um faizão, dar a ultima volta a uma *chartreuse* de perdizes, —tudo isto não é evidentemente uma obra d'arte, tudo isto não vale as rimas d'oiro do melhor soneto? Que são os cosinheiros senão poetas? Que são os cosinheiros senão admiraveis pintores de naturezas mortas? Ser poeta o que é,—senão transformar a natureza, vel-a atravez uma luneta côr de rosa, doiral-a n'um clarão sobrenatural, tornal-a mais bella? E o que fazem os cosinheiros senão isso mesmo, positivamente isso mesmo,—espiritualisar um instincto, adoçar uma animalidade, transformar carnivorasinhas implacaveis, como vv. ex.^as, em creaturas que devoram animaes sangrentos com o ar innocente de quem sorve pétalas de flôr?

Ora se a cosinha é quasi uma fórma litteraria,—que admira que alguns dos nossos homens de lettras tenham sido ou sejam magnificos cosinheiros?

Muitos d'elles são decerto bem conhecidos de todas vv. ex.^as. Folhetinistas, novellistas, poetas, criticos d'arte, teem talvez um logar escolhido no seu pequenino coração. Já decerto as embalaram na musica deliciosa dos seus versos; já as deslumbraram com as arestas de diamante da sua prosa: mas vou jurar que não as deliciaram ainda com a magnificencia picante, perfumada, aloirada e sumptuosa dos seus petiscos. VV. ex.^as já os leram; mas ainda os não saborearam. Já conheciam os litteratos: a *Illustração* tem hoje a maior honra em apresentar-lhes os cosinheiros.

A «jeunesse-dorée» de 1860 e a cosinha ◎ **Farrobo e o Domingos Peres da «Ameixoeira»** ◎ **Os nossos mais celebres litteratos cosinheiros** ◎ **A cosinha fradesca do seculo XVIII** ◎ **Uma receita inédita do padre Bluteau** ◎ **«As filhoses á mourisca».**

A mais illustre geração de cosinheiros litteratos de que nós e o nosso amigo Paul Plantier nos orgulhamos, forneceu-a a *jeunesse-dorée* de 1850 a 1860. Essa época de gulozeima universal, em que o Medicis Farrobo dava o *la* das elegancias mandando construir tres cosinhas em pleno parque das Laranjeiras,—uma Cythéra de millionario—foi a verdadeira edade d'oiro dos nossos *cordon-bleu* intellectuaes. O Domingos Peres da Ameixoeira, nas suas tão faladas ceias a que assistiram muitas bailarinas e *prima-donas* de S. Carlos, alimentava a mania elegante da cosinha entregando a homens de lettras e a rapazes celebres do tempo a confecção dos pratos mais delicados e mais saborosos. Foi uma geração feliz. A ella pertenceram Rebello da Silva, depois ministro, um verdadeiro e pachorrento Gargantua; Bulhão Pato, um grande poeta que tornou celebre a assorda á Andaluza e ligou o seu nome a um processo novo de assar lebres no espeto; Teixeira de Vasconcellos, que ensinou o bom portuguez a rechear sardinhas; Julio Cesar Machado, o malogrado folhetinista, mestre em frigir ovos; Luiz d'Araujo, cosinheiro emerito que deslumbrou o Sassetti; o visconde de Benalcanfôr (Ricardo Guimarães) que nos legou uma explendida receita de *Bolo Real;* o barão de Roussado, um *cordon-bleu* magnifico; Luciano Cordeiro que aconselhou á posteridade uma desenjoativa salada de lagosta, e por ultimo, fechando essa pleiade illustre que atirava desdenhosamente para os refogados as folhas de louros da sua corôa de gloria,—Ramalho Ortigão, o sumptuoso auctor da *Hollanda*, das *Farpas*, do *Culto da Arte em Portugal*... e d'um methodo soberano e infallivel de fazer batatas *souflées*.

Esta geração foi a que marcou. Depois d'ella, apenas surge, com um brilho incomparavel, na historia da litteratura e da cosinha portugueza, o nome d'oiro de Fialho d'Almeida, o mais assombroso e fidalgo artista da prosa em toda a peninsula, e o mais illustre confeccionador de bacalhau guisado á hespanhola que ainda tem nascido n'esta boa terra de laranjaes e de romarias.

Para diante,—nada mais ha. Para traz, apparece-nos ainda Herculano, mais notavel pelo seu azeite do que pela sua cosinha de Valle de Lobos;—e recuando ainda para o seculo XVIII, cahimos na immensa e pantanosa historia das grandes cosinhas fradescas, onde gordos frades

bentos, solemnes doutores dominicanos e eruditos capellos agostinhos substituiam com prazer os irmãos leigos da cosinha, preparando pela sua propria mão onde faiscava o annel d'oiro com a pedra branca dos theologos, os escandalosos guisados monacaes e os gordurentos e louros bácoros sacrificados á gula evangelica da communidade...

Pena é que estes sabios frades que desciam por *sport* ao mister de cosinheiros não tenham deixado as suas receitas,—que deviam ser um modelo de sciencia culinaria e um primor de sã litteratura. A maior parte das receitas que se conhecem são todas originaes de santas madres anonymas de Odivellas, que passavam os seus ocios a bordar a oiro de bastidor e a fazer prodigiosos ladrilhos de marmelada.

Uma encontrámos, entretanto, entre os manuscriptos da *Bibliotheca Nacional de Lisboa*, absolutamente inédita e attribuida a um dos mais illustres clerigos litteratos do seculo XVIII,—nada menos do que o padre Raphael Bluteau, auctor d'um opulento vocabulario da lingua portugueza. Tem um grande valor historico e um não menor valor culinario esta receita de dôce que offerecemos ás nossas gentilissimas leitoras, pedindo-lhes que a experimentem e que lhe bebam em cima um bom calix de Rheno ou de Madeira por alma do santo padre Bluteau. Olhando o retrato não se dá nada pelo homem: era um padre chupado como uma mumia, encarquilhado como um pergaminho, rugoso como um fossil, calvo como um bicho de seda, com o ar de quem se alimenta de leite de mulher á semelhança do cardeal Inquisidor, e de quem passa o dia a babar-se como uma creancinha de mama.

E entretanto, que esplendido doceiro! Quem escreve estas linhas experimentou-lhe a receita,—e não se cança de a recommendar como uma obra prima digna de ser servida pelos mais lindos labios de mulher e regada pelo mais sumptuoso calix de Xerez.

Chama-lhe Bluteau «*Receita das filhozes mouriscas*». Ella ahi vae, na integra, — e em quantidade sufficiente para servir um outeiro de Abbadessado:

«*Meyo alqueire de farinha costuma levar na preza um quartilho de azeite que depois se ferve com hum bocado de pam, manteiga hum arratel mal pezado, hum arratel de assucar, mais de meyo quartilho de agoa ardente, hum bocado de formento que se desfará em pouca agoa e não leva mais nenhuma, e se vay amassando com os ovos que podem ser tres duzias, ou os que quizerem, os quaes se vão deitando poucos e poucos, e como estão huns enxutos he que se deitam os outros; ha de levar o seu tempero de sal, e muito bem amassadas, e como estiverem levedas se vão estendendo, cortando com as carretilhas e frigindo, e depois se alimparão dois arrateis de assucar, e em estando grosso se vão passando n'elle e pon-*

Julio Cezar Machado, de cosinheiro [especialista em frigir ovos]

do nos pratos com canella e grangêa ou confeitos de rosa por cima concertando os pratos.»

Por estas proporções se vê quanto o seculo XVIII em Portugal foi guloso:—meio alqueire de farinha! tres duzias d'ovos!

Ah, frades! frades!

O pontifice Bulhão Pato ◉ Um poeta do amor e da cosinha ◎ A celebre receita da lebre no espeto.

Vamos agora colher algumas receitas celebres á *jeunesse dorée* litterata e cosinheira de 1860.

A figura primacial d'essa geração que usava casaca verde-bronze e cabelleira á *Capoul*, calças de ganga e colletes bordados a prata, que embarcava para Cythéra no Parque das Laranjeiras e perseguia em S. Carlos os *ronds-de-jambe* das bailarinas,—a figura eminentemente caracteristica da mocidade doirada do meiado do seculo XIX, foi sem duvida o grande poeta Raymundo de Bulhão Pato. Quem escreve estas linhas, acompanhou dos seguintes periodos, no *Album das Glorias*, a caricatura magistral que do poeta da «*Paquita*» fez Raphael Bordallo Pinheiro:

«Nenhuma figura de homem reveste em Portugal mais amplamente o typo da sua nacionalidade e da sua raça. A affirmação d'um caracter. Vestissem-lhe o gibão de velludo preto dos velhos hollandezes,—e teriam um dos syndicos de Rembrandt. Puzessem-lhe uma armadura,—e surgiria Nun'Alvares. O seu gesto é largo, em curva, ampliado, castelhano, excessivo, como o dos typos das comedias de Moreto: a palavra escandida, batida ás vezes n'uma seccura de matraca, outras vezes plastica, redonda, cheia, n'um geito de declamação cantada onde se apercebe o exaggero sympathico d'um heroe de Cervantes. Depois da caça, a sua paixão é a cosinha,— uma cosinha toda de emoções e de cloran picante, uma cosinha declamatoria e grandiosa, cortada de especiarias e drogas como um *colloquio* de Garcia da Horta, e puxando a agrima á força de pimentão como um sermão do frade *Lagosta*. Todo o bom portuguez leu um dia a *Paquita*, ou comeu ao menos uma vez na vida «lebre á Bulhão Pato».

Lebre á Bulhão Pato!—Onde houve ahi caçador que desde 1860 lhe não conhecesse a receita,—sobretudo caçador velho e fidalgo da escola do Farrobo, d'esses para quem não havia prazer maior no mundo do que uma batida ás perdizes nos montes ou uma corrida ás lebres nos espargaes? O prestigio d'este prato foi tão grande entre os comedores illustres do tempo, como a celebridade do proprio auctor. E não se julgue que esse prestigio se limitou aos homens. Pelo contrario:—foram as mulheres que fizeram o exito da cosinha de Bulhão Pato, como já tinham feito o successo da sua belleza nobre, romantica e viril, dos seus olhos negros, da sua juba leonina e das suas *bonnes-fortunes*. É sempre a mão da mulher que conduz os poetas.

Mas a receita?—perguntarão as nossas leitoras inquietas, ávidas de poder perpetuar, em todas as mezas e sobre todas as toalhas de rendas, em Sèvres e ouro ou em prata rebatida, a celebridade d'esse magnifico cosinheiro que é hoje um lindo e notabilissimo velho.

É o que o proprio Bulhão Pato lhes vae dizer na sua linguagem galante e saborosa:

«Esfolle-se a lebre, esfregue-se com pimentão e sal; metta-se na vasilha onde deve de estar aproveitado o sangue. Vinagre forte e de bom vinho; rodas de cebolla, alguns dentes d'alho, poucos; uma folha de loiro. Como estamos no monte, ha de haver um pedacito de chão tratado de horta, e na horta um canteirinho de salsa. Se a encosta proxima fôr de matto jardim, lá ha de estar o aromatico tomilho. Venham tambem uns raminhos de salsa e um tudo-nada de tomilho.—Passadas doze horas (se forem vinte e quatro não perde) envolva-se a lebre em pranchas finas de bom toucinho. Espeto com ella. De quando em quando, constipada á corrente do ar: a espaços borrifada com a «vinha» e se, á falta de sercial ou malvasia algum companheiro previdente tiver trazido uma garrafa de «fine de champagne», para cortar a agua por causa das sezões, minutos antes de vir para a meza borrifa-se a lebre com um copito de cognac.—Quente, é um assado optimo; e frio, um fiambre primoroso».

E no fim, uma taça de Champagne, minhas senhoras,—á saude de Bulhão Pato!

Padre Raphael Bluteau, auctor de uma receita de filhós mouriscas

O Luiz d'Araujo e o Domingos Peres da Ameixoeira ◎ Um mestre cosinheiro e um amphitrião de bailarinas e de «prima-donas» ◎ Uma receita inédita do auctor das «Intrigas no Bairro» ◎ As «sardinhas... de surpreza»

Conhecem o Luiz d'Araujo ? — Um velho que parece um rapaz, com uns olhos verdes muito vivos e muito espertos, poeta da escola de Tolentino e do José Daniel, pernas ainda sem uma tremura, imaginação viva, florida e brilhante de franganote de 20 annos?

Pois foi o maior cosinheiro, o primeiro *cordon-bleu* do seu tempo, um verdadeiro enthusiasta da velha cosinha portugueza, um maroto que fazia jantares inteiros e de fio a pavio, em casa do Domingos Peres da Ameixoeira, que deslumbrava os pontifices litterarios do tempo com a espontaneidade das suas redondilhas e o môlho picante das suas *«ostras imperiaes»*, e que mereceu um dia a honra de ser solicitado por Victor Sassetti, proprietario do *Hotel Braganza*, para ensinar o seu cosinheiro francez a fazer... *«gallinholas á fatia»*.

Bulhão Pato, vestido de caçador [caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro]

Era mais do que um amador; era quasi um profissional

Pedimos-lhe uma das suas receitas inéditas, e aqui teem as nossas leitoras o que elle nos mandou com o titulo suggestivo de *«Sardinhas... de surpreza»*.

«Um dia estava Domingos Martins Péres na Ameixoeira fazendo um borrego á hespanhola como o cosinhava em Mertola a familia. Zangou-se comigo por eu estar a lêr os jornaes e disse-me :— «Era melhor que fizesses de qualquer maneira aquellas sardinhas que ali estão, em vez de estares a lêr jornaes».— «Prompto! Vou fazer as sardinhas sem saber como! O improviso ha de sahir como se me pedisses uma saude em verso!» Peguei nas sardinhas... escamei-as... deitei manteiga de vacca n'uma frigideira... um bocadinho de cebolla picada... (tudo ao acaso). Depois puz a frigideira ao lume... derretida a manteiga e a cebolla com vislumbres de aloirada, colloquei as sardinhas em camadas... deitei-lhe um calice de vinho de Xerez... (ao acaso, tudo ao acaso!) N'uma tigella lancei quatro gemmas d'ovos... summo de limão... salsa muito bem picada, e depois de picada lavada e enxuta,—que assim me tinha ensinado o grande cosinheiro João da Matta... Bati muito bem os ovos, deitei-os nas sardinhas como se fosse em frangos de fricassé... e prompto.—Fiz isto a 12 sardinhas. Foi-se jantar. Puz o prato em frente do Domingos. Comeu-as todas.—Dizia-me elle por fim:—«Não passas d'um pateta! Em vez de fazer todo o meio cento das sardinhas... fizeste só doze!»

Parece-nos que aquelle egoista do Domingos Peres, amphitrião de bailarinas e de *prima-donas*, não se portou positivamente como um *gentleman:* nem sequer deixou uma sardinha para o auctor provar! Nem o proprio auctor poude avaliar da excellencia da sua obra! Entretanto, apezar de feitas ao acaso, nós pomos as mãos no fogo pelas sardinhas: eram de Luiz d'Araujo,—deviam ser admiraveis.

Que demonio! Tambem Deus fez o mundo ao acaso, minhas senhoras,—e elle sahiu esta maravilha que se está vendo!

Ramalho Ortigão cosinheiro ◎ A sua elegancia, a sua litteratura e as suas batatas «soufflées» ◎ Uma receita celebre que passa os Pyreneus

Batatas *soufflées*... *Ecco il problema!*

Tornar ethérea uma batata,—como diria o conselheiro Accacio! Espiritualisal-a, tocal a d'um raio da graça divina,—e fazel-a empolar, vesicar, dilatar-se, loira, perfumada, irresistivel como um peccado mortal!—Ahi estava o problema insoluvel, a verdadeira trisecção do angulo culinario,—a pedra philosophal dos cosinheiros até 1870.

Quem resolveu esse X immenso da cosinha cosmopolita? Quem preparou com todas as regras a primeira batata *soufflée?* Foi algum *cordon-bleu* do Vaticano? Foi o *maître-d'hotel* do Elyseu? Foi o 1.º cosinheiro da casa real? Não. Foi o sr. Ramalho Ortigão.

É um titulo de gloria tão legitimo, como as paginas immortaes da *Hollanda* ou como as *boutades* brilhantes das *Farpas*, cuja ironia soberba parece vir ainda empoada da cabelleira de Chamfort e trazer a luneta d'oiro do principe de Ligne... As batatas fritas do sr. Ramalho valem a imponencia uberrima do seu typo de anglo-saxão robusto,—como valem as melhores paginas da sua obra cheia de seiva, de saude, de originalidade, de brilho. Bibliothecario do Paço da Ajuda, secretario da Academia, commendador de S. Thiago, grã-cruz de Izabel a Catholica,—Ramalho Ortigão não desdenhou, como as nossas leitoras vêem, o barrete branco e o avental de cosinheiro, e elle ahi está, impassivel, seguro do seu talento e da sua força, cortando uma magnifica batata hollandeza em talha-

das finas, conforme as regras da celebre receita que offereceu em 1870 ao nosso amigo Paulo Plantier.

Essa receita, que fez successo como as *Farpas*,—fixou-a Ramalho na sua summarenta e brilhante prosa:

«*Apercebo-me, mandando vir de Cintra a manteiga mais fresca, e compro as melhores batatas que encontro. Depois d'isto vou para a cosinha e sento-me á banca das operações. Descasco as batatas cruas, aparo-as escrupulosamente e parto-as em fatias de meio dedo de grossura. Em cima do lume, muito brando, quasi de um rescaldo, colloco a minha frigideira de porcellana, lanço-lhe um bocadinho de manteiga e vou aloirando pouco a pouco, branda e successivamente, as minhas rodellas. E uma operação para que se não quer pressa, mas dedicação, mimo e paciencia. —Depois de meio fritas as batatas, vou-as retirando e pondo á janella, ao ar. Terminado este primeiro serviço, faço atear uma forte fogueira e reponho ao lume a frigideira com um grande naco de manteiga. Quando esta, derretida, principia a saltar em bolhas de ferrura, lanço-lhe outra vez as batatas, que a esse tempo devem estar já frias. As batatas, afogadas na manteiga em ebullição, empolam então prompta, rapida, portentosamente, e cada uma das rodellas toma logo uma forma espherica. E admiravel, é quasi miraculoso o resultado d'este processo. A batata fica fôfa, amanteigada, farinhenta, inchada, leve e molle como uma filhó ou como um sonho!*»

Coisa curiosa: ha pouco tempo o bello jornal francez *Femina* trazia uma receita de batatas *soufflées*, receita moderna, receita dada como o *dernier cri* da cosinha, receita da ultima hora,—que era tal qual a de Ramalho Ortigão publicada ha 36 annos!

Oh! Celebridade! Como tu passas devagar os Pyrenéus!

Fialho d'Almeida, principe dos prosadores e dos cosinheiros ◎ Uma ceia «masquée» de homens de lettras ◎ A cosinha alemtejana e uma receita inédita ◎ O arroz de perdizes á Fialho.

Em fevereiro de 1901 um grupo de homens de lettras

Ramalho Ortigão, auctor da receita das «*batatas soufflées*»

Luiz d'Araujo, auctor das «*Sardinhas... de surpreza*»

offereceu aos auctores da *Rosa Engeitada* e da *Severa*, no salão da Trindade, uma grande ceia a que os convivas assistiram vestidos e caracterisados como as varias personagens das duas peças.

Foi uma bella noite cheia de brilho e de alegria. Ainda parece que estamos vendo o glorioso Raphael Bordallo Pinheiro... de *fadista*, e o malogrado Celso Herminio de chinella de verniz, saia de ganga amarella e lenço sarapantão ao pescoço... Já dois mortos! Como o tempo vôa e destroe!

Eram muitos os pratos *á sensation* preparados para essa ceia. Mas houve um entre todos que teve as honras da noite, que foi um delirio, que foi um deslumbramento, que foi uma estupefacção,—um verdadeiro puxativo celestial que deixou fogo em todas as linguas, lagrimas em todos os olhos, gratidão em todos os corações e um *bravo!* em todas as gargantas.

Era um arroz de perdizes *signé* Fialho d'Almeida.

O principe dos escriptores do nosso tempo, o auctor admiravel das *Pasquinadas* e dos *Gatos*, o ourives das paginas já hoje classicas ácêrca do violinista Sergio e do enterro de D. Luiz, o sumptuoso prosador que como Barbey d'Aurevilly poderia affirmar—«*moi, je suis un intense*»,—acabou de consagrar n'essa noite os seus creditos de cosinheiro e de petisqueiro celebre, já anteriormente revelados em certo bacalhau á hespanhola por elle preparado em Cintra para um jantar ao maestro Oscar da Silva.

Desde então, o nosso primeiro poeta da prosa portugueza passou a ser considerado como um verdadeiro mestre na fradesca e apimentada cosinha alemtejana. Já é mais do que um simples iniciado: é um verdadeiro pontifice. Se Mr. de Savarin o tivesse conhecido, estender-lhe-hia aos pés a sua toga de magistrado e a sua cabelleira de polvilhos e dir-lhe-hia galantemente, na mais solemne das mesuras:

—«*Passez, maître!*»

Para fechar este artigo com chave d'oiro, aqui teem as nossas leitoras a estupenda receita do arroz de perdizes, receita absolutamente inédita, que Fialho d'Almeida nos envia de Cuba,—e que sobre ser uma obra prima de lit-

teratura é um prodigio de puxativa e imponente cosinha:

«O meu arroz já por varias vezes mereceu as honras da imprensa, e não me admiro, porque elle é obra integra e scientificamente creada para lisonja dos mais subtis requintes gustativos.

V. quer que eu lhe mande por escripto a receita. Quando eu era medico acontecia pedirem-me tambem receitas por escripto: vae, não nas mandavam aviar...

Pois esta vale a pena, e até me espanto da concepção genial que umas simples perdizes chisparam do meu estro, e felicito o Senhor que houve por bem fazer d'este arroz — v. permitte — a minha «Ceia dos Cardeaes».

Supponho que v. deseja um arroz de 4 pessoas. Tomarei quatro perdizes sem pennas e bem limpas, cabeças fóra, e as cavidades do ventre e torax vazias e lavadas a primor. Emquanto fervem n'um panello com agua e uma ou duas cebolinhas inteiras, descascadas, preparo na taboa dos bifes um picado de linguiça fresca ou presunto, muita cebola, um alho, salsa e alguma pequena pitada de pimenta, a que addicionarei os meudos das aves, picados, e mesmo outros de gallinhas e patos que haja á mão, sacrificados para outros pratos do jantar. Calculo que o picado, que deve ser saboroso e provado muitas vezes, tenha o pezo das perdizes, e ajuntar-lhe-hei o dobro do seu peso de tomates sem pelle, bem limpos e aos bocados.

Ponho toda esta mistura em caçarola, e refogal-a-hei com gordos de presunto ou manteiga de vacca, segundo as predilecções do fazedor.

Quando o refogado rescende e está homogeneo, addiciono uma chavena grande de vinho tinto, generoso se houver, de pasto bom, ou Carcavellos, ou qualquer outro forte e perfumado.

Ponho-me então a aspirar, por cima da caçarolla, a minha obra, até sentir que o perfume livre do alcool pouco a pouco se multiplicou pelo do guizado, fundindo-se com elle na symphonia nasal d'onde resulta crear-se-me na bocca um chafariz de saliva — o que é signal do molho estar, como a Republica, uno e indivisivel, e d'eu lhe poder deitar para dentro as perdizes em meia cosedura, partidas em cruz nitidamente, em termos de ficarem os nacos bonitos, e se poderem servir sem o ar de já terem sido enxovalhados n'outras refeições.

Dentro do refogado, pois, tenho as perdizes, e addicionarei a agua da fervura, sem as cebolas, porém, que lá tinha introduzido.

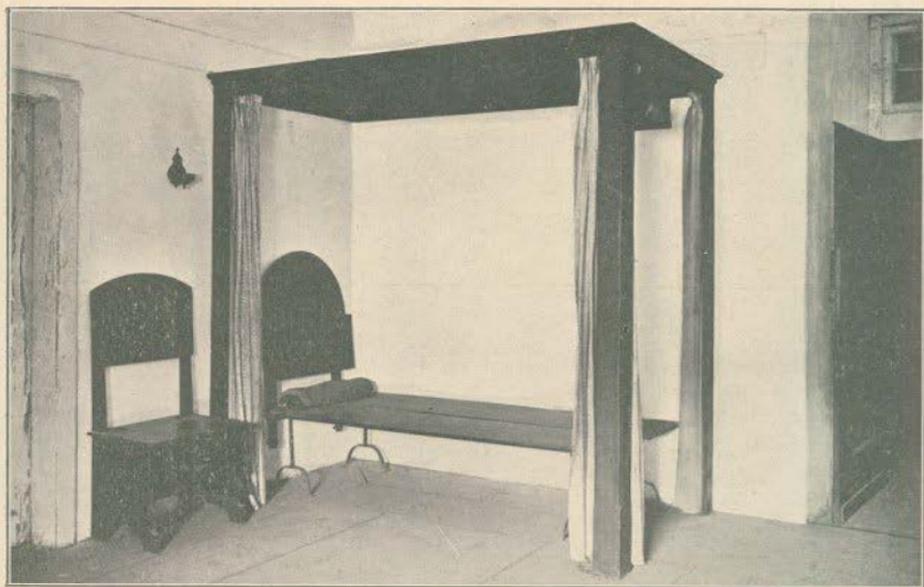
Assim ferverão na caçarola as aves, para que os perfumes do molho as trespassem e embebam muito bem — e quando as sentirem passadas e mui tenras, tiro para um prato os nacos todos, e addiciono ao molho arroz lavado e muito puro, na ração de cabalmente servir 4 pessoas.

A seu turno, á proporção que o molho secca e densifica, se vae o arroz embebendo e cozendo a ponto comestivel, e como já não corra e tenda a fazer bola, cravo-lhe os pedaços da perdiz dentro da massa, e com alguns ramos de salsa por cima os amortalho e levo á estufa do fogão para tostar.

Como é só arroz que me pede ahi remetto o arroz, mas não vá suppor que esta obra prima seja unica. Em meus lazeres trastaganos, emquanto as uvas maduram, novos piteus geniaes saco ao bestunto. Elles me serão carta de guia para os confissionarios-salgadeiras do Bermudez...

Fialho d'Almeida, auctor do celebre *Arroz de Perdizes*

Gostaram?

E agora, esperamos em Deus que d'este artigo não surjam consequencias imprevistas e lastimaveis: o *Hotel Braganza*, o *Hotel Internacional*, o *Hotel Europa*, o *Hotel d'Inglaterra*, a propria confeitaria Marques, são capazes de contractar homens de lettras para as suas cosinhas, e de mandar os seus cosinheiros... para a Academia Real das Sciencias!

A cella de Mafra — O catre franciscano

COMO ERA A CELLA DE UM FRADE FRANCISCANO DE MAFRA

Aquelle velhote risonho que foi copeiro do paço no tempo de D. Maria II e que hoje mostra aos visitantes o velho paço real onde D. João VI resava cantochão e picava tabaco, acaba sempre por nos dizer mysteriosamente, com o barrete enterrado até ás orelhas e as chaves enferrujadas a tilintarem-lhe na mão:

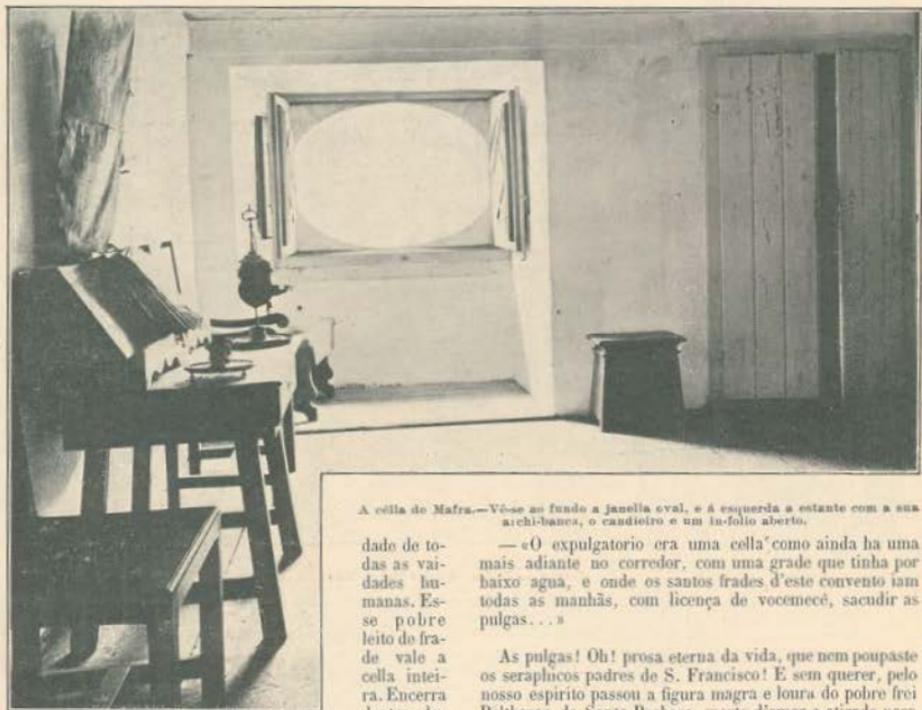
—«Agora vamos vêr lá acima como eram as cellas no tempo dos frades...»

Sóbe comnosco umas largas escadas, percorre um escuro corredor de tijolo e abobadas, tão comprido que teria chegado bem para enterrar o celebre conde de Oyenhausen; pára junto d'uma das cellas á esquerda, levanta a tranqueta d'um ferrolho secular, afasta uma porta de madeira do Brazil d'um só batente, e no jorro de luz clara que corta a sombra espessa do corredor, diz-nos com o sorriso bonacheirão d'uns oitenta annos tranquillos:

—«Tem a bondade de entrar.»

É com effeito na cella d'um frade menor de S. Francisco que nós entramos. A reconstituição d'esse pequeno interior monastico, tão sóbrio, tão humilde, e ao mesmo tempo tão pittoresco, apezar de evidentemente grosseira, não deixa de produzir, nos proprios visitantes mais cultos, uma profunda e singular impressão. Era assim, entre aquellas quatro paredes, na intimidade d'aquelles moveis simples e severos, com aquella caveira aos pés do catre, com aquellas disciplinas á cabeceira, o grande in-folio illuminado ainda aberto sobre a estante, o candieiro de latão de tres bicos com a sua torcida espevitada, o dramatico painel da descida da cruz sobre a tosca archibanca de castanho, — era assim, no interior estreito d'uma cella, que viviam os pobres franciscanos arrabidos ali installados pela sumptuosidade de D. João V e para ali reconduzidos pela piedade fervorosa de D. Maria I. Frei João de Santa Anna, frei Estevão do Rosario, frei Antonio das Cinco Chagas, frei Apollinario de Jesus, — de quantos nos resa a chronica seraphica que floresceram em virtudes e em piedade n'aquelle immenso casarão, dormindo n'aquelles pobres catres, fincando os braços magros n'aquella tosca estante onde ainda parece esperal-os um velho livro fradesco de theologia ascética! Quem sabe se era pelo oculo oval d'esta mesma cella que as andorinhas entravam, todas as tardes, á hora dourada do crepusculo, a poisar sobre os hombros de frei Jacintho de S. Paulo e a comer-lhe das mãos as migalhas que elle trouxera do refeitorio! Quem sabe se seria n'este mesmo catre, os olhos mortaes pregados n'essa mesma caveira cheia de terra, que se extinguiria frei Balthazar de Santa Barbara, apenas com onze mezes de professo, — atirado para o burel grosseiro de S. Francisco pelas mãos pequeninas e rosadas d'uma mulher! E o nosso olhar, na evocação de todo um passado cheio de recordações e de lagrimas, de pittoresco e de ternura, procura ainda nos pés d'esse antigo copeiro do paço real as sandalias toscas da ordem, — na illusão remota de que quem vem comnosco é ainda um velho e pachorrento leigo franciscano, arrastando os pés e tilintando chaves...

— «Era n'esta barra que elles dormiam, de hora a hora canonica», — explica-nos mansamente o bom velho, apontando o catre de castanho e correndo lhe as cortinas da armação grosseira.

E nós vêmos então melhor esse pobre leito de duas taboas, com um pedaço de cortiça por travesseiro, assente sobre quatro pés duplos de ferro batido, onde os frades, segundo as duras prescripções da ordem, dormiam embrulhados apenas na estamenha do habito. Á cabeceira lá estão as disciplinas de couro com cinco pontas de ferro, — eternas e promptas apasiguadoras de todas as revoltas e de todas as tentações da carne. Ao alto, na parede, vê-se suspensa uma pequena candeia rematada por uma cruz de latão, e aos pés do catre, repousando n'uma caracteristica pá de madeira suspensa do sobre-céu de castanho, um craneo espreita, amarellado pelo tempo e pela intimidade da terra, imagem da mizeria temporaria da vida e da inani-

A cêlla de Mafra.—Vê-se ao fundo a janella oval, e á esquerda a estante com a sua archi-banca, o candieiro e um in-folio aberto.

dade de todas as vaidades humanas. Esse pobre leito de frade vale a cella inteira. Encerra dentro das suas cortinas toda a philosophia d'uma vida de clausura. Quantas imagens douradas de mulher não povoaram, ás noites, o mysterio monastico da sua sombra, e que profundos horrores de tentação nos contaria, se pudesse falar, esse triste catre d'um franciscano pobre!

Mas o antigo copeiro do paço que nos conduz não nos deixa distrahir n'essa evocação sentimental das noites d'um frade de S. Francisco. Chama-nos insistentemente a attenção para o lavabo tosco que está junto da janella, diz-nos que era ahi que o frade dono da cella fazia de madrugada as suas abluções, e conclue elucidando-nos sobre determinado pormenor realista da vida intima dos franciscanos de Mafra:

—«Saiba vocemecê que nunca se lavava nenhum frade d'este convento sem ter ido primeiramente ao expulgatorio sacudir o habito...»

—Ao expulgatorio?—inquirimos nós, sem comprehender.

Mas o bom velho logo nos acode com a explicação, tratando todos por vocemecê, na sua voz pausada e unctuosa, e fazendo acompanhar invariavelmente as palavras com o mesmo sacramental tinido de chaves:

—«O expulgatorio era uma cella como ainda ha uma mais adiante no corredor, com uma grade que tinha por baixo agua, e onde os santos frades d'este convento iam todas as manhãs, com licença de vocemecê, sacudir as pulgas...»

As pulgas! Oh! prosa eterna da vida, que nem poupaste os seraphicos padres de S. Francisco! E sem querer, pelo nosso espirito passou a figura magra e loura do pobre frei Balthazar de Santa Barbara, morto d'amor e atirado para o claustro pelas mãos pequeninas e rosadas d'uma mulher, —catando placidamente as pulgas na grade dos expulgatorios de Mafra!

Outro aspecto da cêlla.—Vê-se á direita o lavabo.

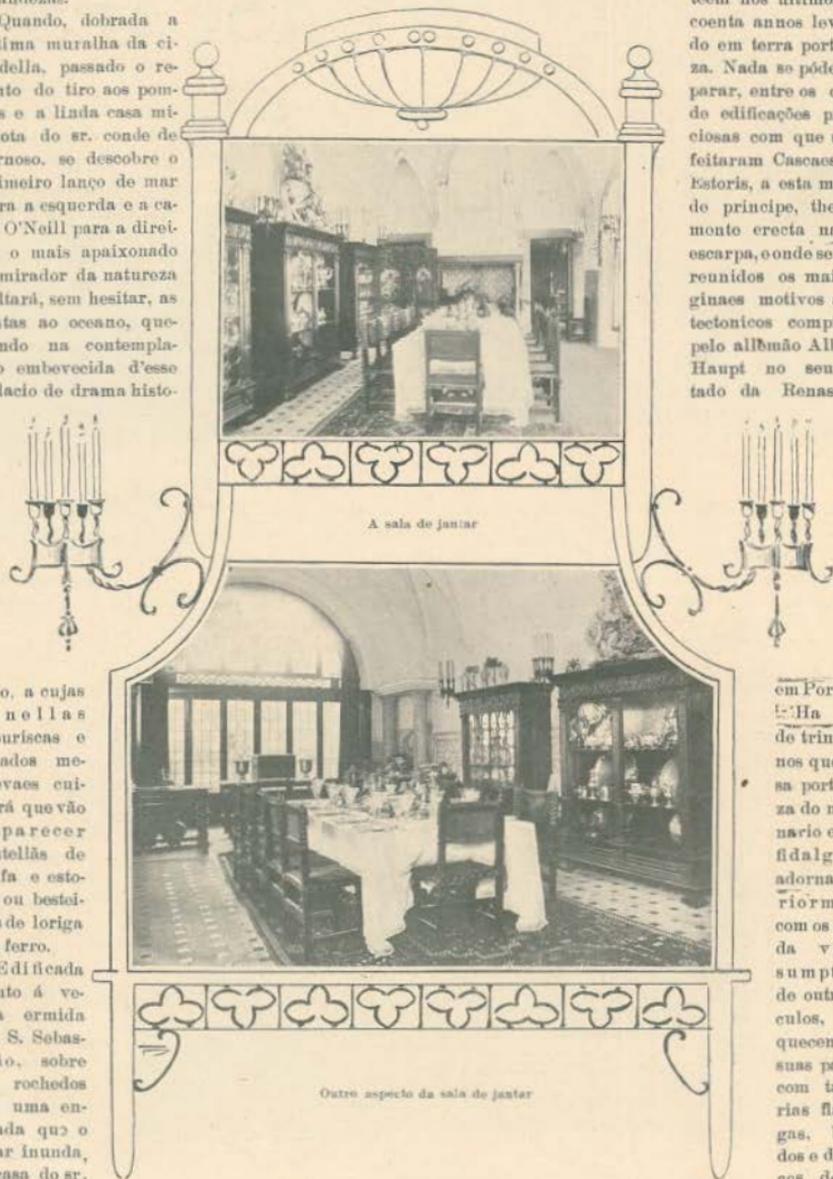
A CASA O'NEILL EM CASCAES

Todo o littoral da enseada de Cascaes, em vesperas de povoar-se, adquire um inexprimivel encanto. A's ventanias do verão succede agora uma amenidade suavissima. As aguas do mar tingem-se de um azul de claras saphiras. Os poentes são côr de laranja e côr de violeta. Ha uma serenidade maior nas ondas, no céu e na terra. A paizagem africana, de ventania e de sol, com nuvens de poeira e scintillações metallicas, modifica-se. Os panoramas de colorido violento, com céus anis e mares verdes, empallidecem e teem agora a suavidade de aguarellas. E' n'este tempo que a estrada mundana do pinhal da Guia, entre Santa Martha e a Bocca do Inferno, desdobra as suas scenographias mais surprehendentes, com a vastissima toalha de aguas, que se agita e tremeluz até aos confins do horisonte, as serras da Arrabida e de Palmella desenhadas á esquerda, no céu claro, o areal do cabo Espichel scintillando de espumas e as gaivotas brancas circulando no ar com a elegancia de vôos lentos. Para a direita é a molle granitica de Cintra, caminhando para o cabo da Rocca, elevando para as nuvens as suas architecturas phantasticas de penedia, com a renda das ameias do castello. os Mouros, as cupulas e as torres da Pena

E' á beira d'esta estrada, de incomparavel belleza, com os seus dilatados panoramas maritimos e agrestes, entre serra e mar, que o sr. Jorge O'Neill erigiu a mais theatral *villa* de verão, que a imaginação de um artista possa idealisar em horas de inspirada phantasia, em pleno delirio de grandezas.

Quando, dobrada a ultima muralha da cidadella, passado o recinto do tiro aos pombos e a linda casa minhota do sr. conde de Arnoso, se descobre o primeiro lanço de mar para a esquerda e a casa O'Neill para a direita, o mais apaixonado admirador da natureza voltará, sem hesitar, as costas ao oceano, quedando na contemplação embevecida d'esse palacio de drama historico, a cujas janellas mouriscas e eirados medievaes cuidará que vão apparecer castellãs de coifa e estola ou besteiros de loriga de ferro.

Edificada junto á velha ermida de S. Sebastião, sobre os rochedos de uma enseada que o mar inunda, a casa do sr. Jorge O'Neill é, digamol-o sem demora, conjunctamente com o palacio do sr. marquez da Foz, em Torres Novas, um dos mais bellos, dos mais harmoniosos, dos mais pittorescos edificios que a opulencia de um fidalgo, o gosto requintadissimo de um artista e a sciencia de um architecto teem nos ultimos cincoenta annos levantado em terra portugueza. Nada se póde comparar, entre os centos de edificações pretenciosas com que se enfeitaram Cascaes e os Estoris, a esta morada de principe, theatralmente erecta na sua escarpa, e onde se vêem reunidos os mais originaes motivos architectonicos compilados pelo allemão Albrecht Haupt no seu tratado da Renascença em Portugal.

Ha mais de trinta annos que a casa portugueza do millionario e do fifidalgo se adorna interiormente com os restos da velha sumptuaria de outros seculos, enriquecendo as suas paredes com tapeçarias flamengas, brocados e damascos de Ge-

A sala de jantar

Outro aspecto da sala de jantar

nova e de França, cobrindo os seus *parquets* com tapetes do Oriente, mobilando as suas salas com contadores italianos, armarios hollandezes, cadeiras de sola lavrada, onde se sentaram desde os contemporaneos dos descobridores do caminho da India, até aos polvilhados cortezãos de D. João V e os adamados peralvilhos do reinado de D. Maria I. Mas ainda ninguem se lembrára de harmonisar esses interiores historicos e opulentos com o edificio e reproduzir nas fachadas o reflexo d'essa arte sabia e requintada do viver moderno, que tanto se compraz na contemplação do fausto antigo.

Algumas poucas tentativas n'esse sentido realisadas resentiam-se todas da timidez e hesitação da experiencia, eram como que miniaturas, esboços vagos, de um plano apenas rudimentarmente traçado e definido. Cabe ao sr. Jorge O'Neill a honra—e porque não a gloria?—de haver tornado pela primeira vez tangivel essa attrahente phantasia e de haver ousado e sabido edificar com solidez, a pedra e cal, a mais sumptuosa scenographia, com que um pintor historico, de vastos conhecimentos e de authentica cultura, poderia illustrar uma pagina da dymnastia manuelina. Projecto de Villaça—um pintor—, a torre de S. Sebastião deve a esta collaboração illustre, tão intelligentemente solicitada, a sua impressionante belleza decorativa. Com a sua torrela de menagem, os seus minaretes, as suas adufas, o seu alpendre da «Sempre Noiva», a sua varanda romanica, as suas cupulas de azulejo, os seus telhados mouriscos, as suas janellinhas de columnas geminadas, essa casa ficou sendo, miraculosamente, mais do que um edificio, uma pintura. A adaptação de estylos diversos a um mesmo conjuncto harmonico, guiada por um notabilissimo talento seleccionador, alcançou produzir, na multiplicidade, na variedade e no pittoresco, uma obra prima. Duvido que um architecto tivesse podido combinar elementos na apparencia tão heterogeneos em composição tão harmoniosamente ornamental. Para que a casa O'Neill assim resultasse bella, foi indispensavel ao auctor do projecto o libertar-se das fórmulas consagradas á arte de construir e insurgir-se contra os preconceitos classicos, que immobilisam a imaginação, mesmo a mais ousada, de um architecto. Sempre que um pintor deixou o pincel pelo compasso, tornou-se um innovador. A applicação de theorias e processos ineditos a uma arte de evolução lenta por natureza implica sempre uma idéa de reforma. As architecturas dos pintores, mesmo nos seus quadros, teem originalidade. O habito de crear conduz instinctivamente o pintor a introduzir reformas, ás vezes apenas distinctas, e outras vezes capitaes, na reproducção dos edificios, influenciando por esta fórma a arte de construcção. Continuando a obra de Bramante em S. Pedro, concluindo as *loggias*, construindo os palacios «Dell'-Aquila», «Pandolfini», «Stoppani» e a *villa* «Madame», Raphael foi o mais revolucionario dos architectos da Renascença italiana, n'um periodo em que toda a evolução, depois da obra monumental de Bramante, parecia inexequivel. Mais uma

vez, no projecto da «Torre de S. Sebastião», esse facto se evidencia com eloquentes exemplos. O pintor Villaça, que já se ensaiára como architecto na casa do sr. Manuel Gomes, no Monte Estoril, conseguiu transplantar para a sua architectura as sciencias de perspectiva, de composição, de contraste, quasi os effeitos de luz, que são apanagio da pintura. Reconhece-se na propria escolha dos materiaes empregados na edificação o cuidado reflectido que um pintor emerito põe na escolha das tintas da paleta. E se das fachadas theatraes o observador passar á investigação escrupulosa do interior, a sua surpreza encantada será ainda maior e mais facil de constatar a originalidade flagrante da ideação, a audacia revolucionaria do artista, tentando e conseguindo maravilhosamente pôr em toda a parte a belleza ao serviço da vida do lar e prevendo todos os effeitos do mobiliario associado ao edificio, do conteúdo harmonisado ao continente, do detalhe adequado ao conjuncto.

Logo á entrada, o lindo claustro de paredes guarnecidas com rodapés de azulejo hispano-arabe, no estylo das salas do paço de Cintra, com os seus lampeões de ferro forjado e colorido, a sua fonte copiada dos Jeronymos, faz-nos esquecer de que entramos n'uma casa que tem apenas cinco annos. E' bem uma mansão de quietude e de repouso em que se entra. As plantas e o limo das aguas deram já ao tanque uma *patine* secular. As lanternas encostadas á entrada suggerem nocturnos cortejos de castellãs e de pagens. No recatado silencio, o rumor da agua tem a melodia de um canto. Tufos de begonias, de folhas prateadas, vermelhas, de todos os tons do verde, fetos arboreos, trepadeiras, avencas, alimentam de uma perenne frescura o claustro branco, sobre o qual se debruçam, no alto, as adufas mouriscas dos quartos. Se não fôra os *valets de pied*, que circulam sob as arcadas, com as suas fardas agaloadas a vermelho e prata, a illusão de antiguidade seria completa. Mas o criado que nos precede abre a porta envidraçada, que communica com a *Sala dos Trevos* por um pequenino vestibulo improvisado com primores de arte indiziveis. Cae de um lado uma ampla e extensa cortina de brocado vermelho tecido a ouro, formando parede a uma teia de egreja, em pau santo, do mais sumptuoso trabalho de torno, e levantam-se em frente, aos lados de um espelho oriental, dois tocheiros de ferro. E' agora uma pequenina sala, cujo tecto, com pintura de trevos,—o trevo da Irlanda—reproduz o risco originalissimo do tecto da sala das Pêgas, do palacio de Cintra. Um reposteiro do mesmo tecido antigo, vermelho e ouro, de um luxo barbaro de alcova da Renascença, cae, resplandecente, sobre uma porta. A reproducção da chaminé da sala de conselho da torre de Belem, enriquecida de azulejos, onde se ostentam as armas dos O'Neill—uma sangrenta mão decepada entre dois leões rompantes—eleva a um canto o seu edificio polychromo. Miniaturas, retratos das familias O'Neill e Brito e Cunha, poltronas de Maple, um divan guarnecem e mobilam esse ninho familiar com esse sabio conforto que o homem eminentemente intellectual do seculo XIX inventou para substituir o formalismo hieratico do mobiliario do seculo XVIII.

Nas paredes, sobre os *lambris* de azulejo, os retratos dos antigos O'Neill, principes de Tyrone e de Clen-Boy, reis da Irlanda, netos heroicos e infelizes de Niallus Magno, parecem presidir aos serões dos descendentes, como divindades tutelares. Em frente, a porta envidraçada dá passagem ao salão, a que servem de adorno magnifico dois grandes quadros da antiga galeria dos duques de Aveiro, evidentemente da escola veneziana, que ao primeiro relance lembram a factura opulenta de Veronése, o fausto real das suas composições, a carnação voluptuosa das suas cortezãs e das suas deusas. Sabido que os duques de Aveiro reuniram no seu palacio de Azeitão quadros preciosissimos, o espirito affeiçôa-se á persuasão de que sejam realmente de Paolo Caliari essas duas télas de prodigiosa belleza. A mulher que avantaja n'um dos quadros, calcando um globo, é extraordinariamente parecida com a Esther do museu do Louvre (*Evanouissement d'Esther*). A figura do homem, semi-nú, do mesmo quadro, dir-se-hia ter sahido do mesmo pincel genial, que pintou os *Peregrinos de Emaús*. Na segunda téla vê-se um mancebo vestido de setim branco refugiando-se junto de uma grave mulher coroada de louros - a Virtude? a Honra? a Sciencia?—emquanto outra mulher, de grenha loura, inutilmente procura attrahi-l'o.

E' ainda para notar, em favor da presumpção de que sejam de Veronése as duas télas magistraes da casa O'Neill, o facto de encontrar-se, embora desenhada de dorso, a esbelta e juvenil figura do nobre veneziano reproduzida no mesmo quadro do Louvre: «O Desmaio de Esther».

Já, ao despedirmo-nos das duas obras primas, a luz pallida da tarde as envolve de uma mysteriosa penumbra. Mas as sumptuosas figuras parecem acompanhar-nos, descer das télas, atravessar comnosco a salinha heraldica dos Trevos e debruçarem-se, com os seus vestidos de brocado e os seus lindos braços nús, á varanda que deita para o mar. E de tal sorte o scenario lhes é appropriado que não estranhariamos vêr sentarem-se a nosso lado, nas cadeiras de verga, as solemnes mulheres de Paolo Veronése...

Casa, do sr. Jorge O'Neill — Casa do sr. conde d'Arnoso — Tiro aos pombos — Cidadella — Bahia de Cascaes

VISTA PANORAMICA DE SANTA MARTHA

ARMORIAL PORTUGUEZ

POR

H. C. AMADO

Alvim

Alvim. Escudo esquartelado; o primeiro quartel xadrezado de ouro e vermelho de quatro peças em faxa e outras tantas em pala; no segundo, em corpo azul cinco flores de liz de ouro, em santor; e assim os contrarios.

Timbre: Um leão de ouro nascente com uma flôr de liz azul na mão.

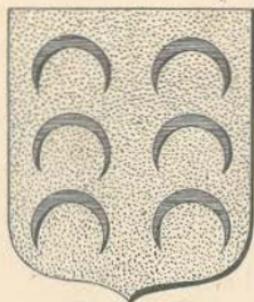
Amado

Amado. Escudo esquartellado: no primeiro quartel, em campo azul, uma aguia de ouro estendida, armada de negro; no segundo, em campo verde, uma banda de prata arminhada de seis arminhos; e assim os contrarios.

Timbre: A aguia do escudo carregada de seis arminhos negros no peito.

Alvo

Alvo. Em campo azul, um leão de ouro, atravessando por cima de tudo uma banda sanguinha carregada de tres rosas de prata e coticada de ouro.

Timbre: Duas azas vermelhas e entre estas um rosa do escudo.

Amaral

Amaral. Em campo de ouro seis luas minguantes azues com as pontas para baixo, postas em duas palas.

Timbre: Um leão de ouro, segurando nas mãos uma clava ou maça de armas com o cabo azul e o ferro de prata.

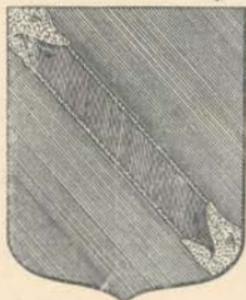
Amorim

Amorim. Em campo vermelho, cinco cabeças de mouros da sua côr com trunfas de prata e azul, e com as barbas de ouro, postas em santor.

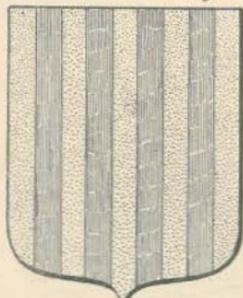
Timbre: Um braço armado de prata, com uma cabeça do escudo pendurada pela trunfa.

Antas

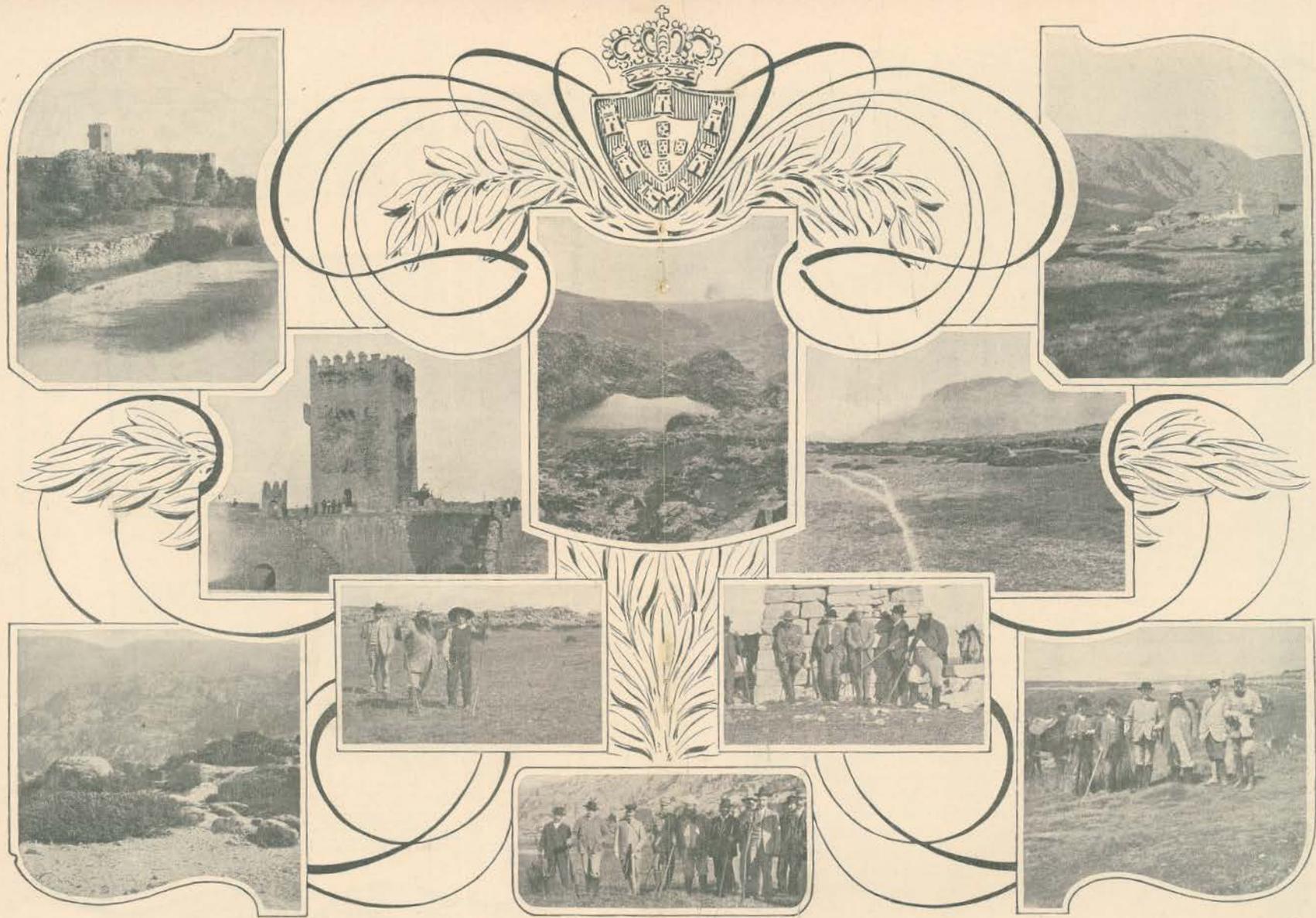
Antas. Em campo vermelho, uma cruz formada de seis lisonjas de prata.

Timbre: Uma anta animal da sua côr.

Andrada

Andrada. Em campo verde, uma banda vermelha coticada de ouro, saindo de duas cabeças de serpes do mesmo metal, armadas de sanguinho.

Timbre: Dois pescoços de serpes tambem de ouro, torcido um com o outro, voltados em fugida, armados de sanguinho.

Aragão

Aragão. Em campo de ouro, quatro pa as sanguinhas.

Timbre: Um touro vermelho com uma campainha de ouro ao pescoço, presa a uma fita do mesmo metal.

A excursão de Suas Altezas o Principe Real e o senhor Infante D. Manuel á Serra da Estrella—(PHOTOGRAPHIAS DE SUAS ALTEZAS):

—Vista panoramica do castello do Sabugal; 2—A torre de menagem do castello do Sabugal; 3—A lagôa do Peixão; 4—Um aspecto da serra; 5—Outro aspecto da serra; 6—Outro aspecto da serra; 7—O sr. Thomaz Cabral, guia, apresentando um pastor a Suas Altezas; 8—A dois mil metros de altitude: os srs. marquez do Lavradio, Sua Alteza o Principe Real, visconde de Asseca (Salvador), Francisco Lobo e o guia; 9 e 10—O Principe Real e a sua comitiva na lagôa comprida

CONTINUADO DO N.º 29

Segundo tempo da cintura de lado com prisão de nuca ◎ Defeza que se pode oppôr a este golpe ◎ Prisão de cabeça ◎ Maneira de executar os tres tempos que constituem este golpe ◎ Tres defezas que lhe correspondem ◎ Prisão de cabeça com golpe de ancas ◎ Dois tempos d'este golpe

2.º *tempo da cintura de lado com prisão de nuca* (fig. 34) — Depois de obrigar o adversario a voltear, dando uma cambalhota, assentam-se-lhe as espaduas no chão, apertando bem as prisões e carregando sobre elle energicamente com o busto e cabeça.

Defeza da cintura de lado com prisão de nuca (fig. 33) — No primeiro tempo do ataque o luctador, antes de ser levantado do chão, defende-se erguendo o busto e empurrando o adversario, não deixando assim que este prosiga na sua tentativa.

Prisão de cabeça. 1.º tempo (fig. 35) — O luctador cruza os braços e cinge com as mãos a nuca do adversario, para o qual, depois, se vira de costas, assentando-lhe o pescoço sobre o hombro correspondente ao braço que ficar pela parte inferior.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 36) — O luctador ajoelha, inclina-se ao mesmo tempo para a frente e empregando toda a força e agilidade de que possa dispôr obriga o adversario a dar uma cambalhota, tendo-lhe assentado previamente a cabeça no chão.

3.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 37) — O adversario, depois da cambalhota do tempo anterior, deve ser forçado a assentar as duas espaduas no chão, carregando-se-lhe para isso com o busto e cabeça sobre o peito, e apertando bem a prisão.

1.ª defeza da prisão de cabeça (fig. 38) — No primeiro tempo do ataque, responde-se inclinando a cabeça para traz com energia, e empurrando o adversario com as mãos, que, para esse fim, se lhe firmam no ventre ou no peito, não deixando assim que elle se possa virar, e completar o referido tempo.

2.ª defeza do mesmo golpe (fig. 39) — Emprega-se no segundo tempo do ataque, collocando as mãos sobre a região dos rins do adversario, e empurrando com energia, ao mesmo tempo que a perna que fica da parte de dentro ajoelha entre as do adversario, e a de fóra avança, ajudando assim o movimento de repulsão effectuado pelos braços.

3.ª defeza do mesmo golpe (fig. 40) — Depois da cambalhota, o luctador cae em *ponte*, firmando os cotovellos no chão e as mãos nos rins, para assim poder resistir melhor.

Pode-se tambem, no momento da cambalhota, se o adversario não mantiver a prisão com energia, procurar fazer uma pirueta, de modo que a queda seja de bruços e não de costas.

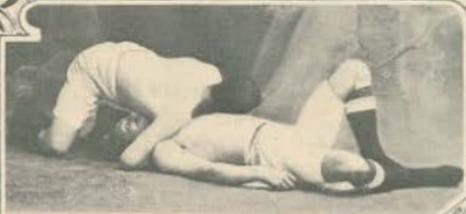
1.º tempo da prisão de cabeça com golpe de ancas (fig. 41) — Quando o adversario esteja com o busto um pouco levantado, cinge-se-lhe a cabeça com um dos braços apertando com energia, e, com a mão que fica livre, segura-se-lhe o braço um pouco acima do cotovello. Em seguida dá-se-lhe um golpe de ancas de modo a obrigal-o a rodar para o lado opposto ao da prisão, e, fazendo-o desequilibrar, ir a terra.

2.º tempo do mesmo golpe (fig. 42) — Depois do adversario ter sido lançado por terra, o luctador obriga-o a assentar as espaduas no chão, mantendo bem as prisões e ficando atravessado sobre elle.

(Continúa.)

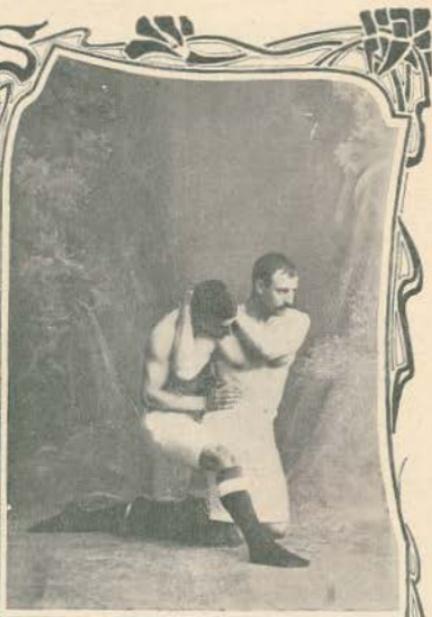
33
Defeza de cintura de lado com prisão de nuca

36
2.º tempo da prisão de cabeça

34
2.º tempo da cintura de lado com prisão de nuca

37
3.º tempo da prisão de cabeça

35
1.º tempo da prisão de cabeça

38
1.ª defeza da prisão de cabeça

41
1.º tempo da prisão de cabeça com golpe d'ancas

39
2.ª defeza da prisão de cabeça

42
2.º tempo da prisão de cabeça com golpe d'ancas

40
3.ª defeza da prisão de cabeça

Tapeçaria d'Aubusson

Todos sabem que ha muitos annos assistimos a uma verdadeira drenagem para o estrangeiro dos objectos de arte accumulados, durante uns poucos de seculos, no nosso paiz. O saque, em boa regra, posto á India e ás colonias mais ricas do nosso imperio ultramarino permittiu a acquisição de tantas riquezas, de que uma porção minima figurou na Exposição de Arte Retrospectiva, que ha cêrca de trinta annos admirámos no Museu das Janellas Verdes.

Parte das preciosidades artisticas foram adquiridas nos Paizes-Baixos, Inglaterra e França, outra parte proveiu das fabricas nacionaes, podendo vêr-se ainda bellos exemplares espalhados por museus, egrejas, capellas, palacios e casas de opulentos burguezes. Entre os objectos adquiridos no estrangeiro merecem registo especial alguns pannos d'Arrás que teem escapado á drenagem, vista, consentida e annunciada largamente, por fórma que ao cabo de alguns annos Portugal estará exhaurido de objectos artisticos, tanto mais que certas preciosidades, hoje sob a guarda de individuos honestos, podem desapparecer por desleixo ou menos escrupulo dos successores depositarios.

Não escasseam os exemplos, infelizmente. Da Torre do Tombo desappareceram edições raras de obras litterarias de grande valor. Da Bibliotheca Nacional de Lisboa desappareceram egualmente, em tempos não muito remotos, alguns livros e outros objectos de alto preço artistico. Seria longa a enumeração de quadros de grande merito, pelo menos archeologico, desapparecidos do nosso haver nacional. A historia dos pannos d'Arrás, da Relação de Lisboa, é uma lição de cousas edificante. Antes, porém, de nos occuparmos d'essas reliquias de arte exotica, convirá dar uma idéa ligeira dos principaes specimens existentes no paiz.

Uma das salas do paço da Ajuda prende a attenção graças a uma collecção de magnificos Arrás que a adornam. É conhecida pelo titulo de *Serie de Goya*. Esta collecção está completa. Outra sala se nos depara ricamente adornada com outra collecção, incompleta, conhecida pela *Serie de Alexandre*. A sua composição e tecido differem sensivelmente da collecção existente na Relação de Lisboa, collecção a que abaixo nos referiremos.

No paço das Necessidades admiram-se tambem alguns pannos d'Arrás. No paço de S. Vicente, em duas salas onde estacionam os continuos, admiramos ainda hoje uma *Serie incompleta de Alexandre*, cujo desenho e tecido já se approximam bastante da *Serie da Relação*, mas sensivelmente diversa, na composição e tecido, da serie do paço da Ajuda. Na Camara Ecclesiastica ha uns pannos de Arrás mais antigos que os citados, mas muito mais imperfeitos no desenho e no tecido.

Mas se acaso um amador de arte puzer os pés no Mercado Central de Productos Agricolas — quem tal imaginaria! — deparar-se-lhe-hão restos preciosissimos de uma collecção de pannos, cujo assumpto deve ser a campanha dos Paizes-Baixos, a que o fero duque d'Alba ligou uma fama sinistra.

Não fallamos em pannos avulsos descobertos n'alguns pontos do paiz e que a breve intervallo foram canalisados para o estrangeiro a troco de bons contos de réis. Deixaram elles de ser nossos: portanto, caia sobre elles a paz do olvidio!...

Ao dr. Taborda de Magalhães — quem não conhece em Lisboa o *Tabordinha*, o espirituoso cavaqueador que não troca a sua *horta* do largo das Duas Egrejas pelo Estoril, nem por o pittoresco da fresca Cintra, nem pela magia da encantadora Suissa? — ao dr. Taborda de Magalhães, que brevemente publicará uma monographia interessantissima sobre o assumpto, devemos nós a resurreição de uns esplendidos pannos d'Arrás existentes no tribunal da 2.ª instancia.

O caso d'esta feliz resurreição passou-se assim. Ha 23 annos entrava o *Tabordinha* na posse do seu logar de ajudante do procurador régio, cujas funcções teve de desempenhar n'aquelle tribunal. Os seus olhares investigadores *bisparam* logo o quer que fosse de precioso, encoberto até certo ponto por vulgares estantes de livros. Mirou, remirou, mexeu, e, mais por instincto que por experiencia profissional, adivinhou ali a existencia de soberbos *razes*.

Perdão de Alexandre á familia do vencido

A Derrota de Dario

Offerta da corôa á Imperatriz

Não se enganára; mas a que desillusões o levou logo a descoberta, a principio tão envaidecedora, como se tivesse encontrado novo caminho para o luminoso Oriente! Onde a mão e a vista podiam alcançar, lobrigou theorias de avantajados pregos que haviam prendido os pannos ás paredes, sem forro. Alguns conspicuos magistrados, dos velhos tempos haviam limpado as suas pennas de pato aos pannos, e talvez que algum, imitando Achilles na sua colera cantada por Homero, houvesse atirado o tinteiro á parede, por falta de coragem para o atirar á cara de algum collega cabeçudo. Aqui temos agora o *Tabordinha* a encetar uma campanha para desviar do seu pousio as impertinentes estantes. Deslumbramento em toda a linha! Outra campanha para arrancar os bellos pannos de Arrás á acanhada sala onde jaziam e trasladal-os para logar mais adequado onde hoje os admiramos.

Esses pannos teem de largura mais de sete metros. Para poderem ser accommodados ás paredes da primitiva sala, um architecto de fraco paladar artistico e que hoje descança na paz dos tumulos cortára-os, dobrára-os consoante as exigencias da pregadura, e isto com a mais selvatica semceremonia!

Tres d'esses pannos, de um desenho nitido e correcto, pertencem á *Serie de Alexandre*. Um representa a *Derrota de Dario*; o outro, o *Perdão de Alexandre á familia do vencido*; o terceiro, a *Offerta da corôa á Imperatriz*. No verso de um d'elles lê-se: *Collecção de* **12** *pannos*. Esses e mais os *nove ausentes* e ainda tres que escaparam e representam bonitas paizagens decoravam o antigo *Erario Real*, que outr'ora se alojou no edificio da Relação.

Mas que destino tiveram os *nove ausentes*? Por informações colhidas de fonte limpa, apurou o dr. Taborda de Magalhães que em 1870 foram vendidos por o antigo presidente da Relação Lopes Branco ao bric-a-braquista Passos, estabelecido ao tempo ao fundo do Passeio Publico, pela pasmosa somma — pasmem, vindouros! — de 200$000 réis!

Se os pannos que restam valem dezenas de contos de réis, imagine-se agora a excellente transacção feita por tão recommendavel magistrado a cuja benemerencia artistica todos devemos rasgar compridas baetas...

Após nova e porfiosa campanha lá estão os pannos na sala das sessões da Relação, com as suas competentes cercaduras, descobertas egualmente pelo faro investigador do dr. *Tabordinha*, no Archivo, onde dormiam esquecidas havia longos annos.

Além dos **12** pannos grandes, de assumptos tirados da *Historia de Alexandre*, havia **18** figurando paizagens. Ao todo quarenta, dos quaes só existem seis. Eram da manufactura real de Aubuisson, e do melhor da epoca. Na ourella azul regulamentar, conforme o estatuto das fabricas francezas no tempo de Luiz XIV, está a assignatura, tecida a seda, indicando a fabrica, o tecelão e provavelmente o desenhador dos cartões. Na linhagem que forra os pannos vêem-se quatro marcas eguaes, postas duas a duas a tinta de oleo, e constam de duas palmas cruzadas em fórma de escudo encimado por uma corôa real.

N'um estado de notavel conservação, o colorido e delicadeza no tecer causam o espanto das pessoas que em romaria teem ido á Relação observar essas bellas reliquias de arte. E remataremos agora esta noticia dizendo que o sr. dr. Taborda de Magalhães, no trabalho que vae brevemente publicar, dará curiosas informações sobre uma curiosa serie de pannos d'Arrás, cujo assumpto é a *Vida de D. João de Castro*, serie que elle averiguou existir em Vienna d'Austria e é propriedade da casa imperial.

Não esqueceremos que existem ainda alguns magnificos pannos d'Arrás no Museu de Coimbra, organisado pelo sr. Bispo-Conde, e outros no paço episcopal de Lamego. Sobre elles dará tambem o dr. Taborda de Magalhães excellente e cuidadosa informação.

S. B.

Os Grandes Facinoras Portuguezes do Meado do Seculo XIX

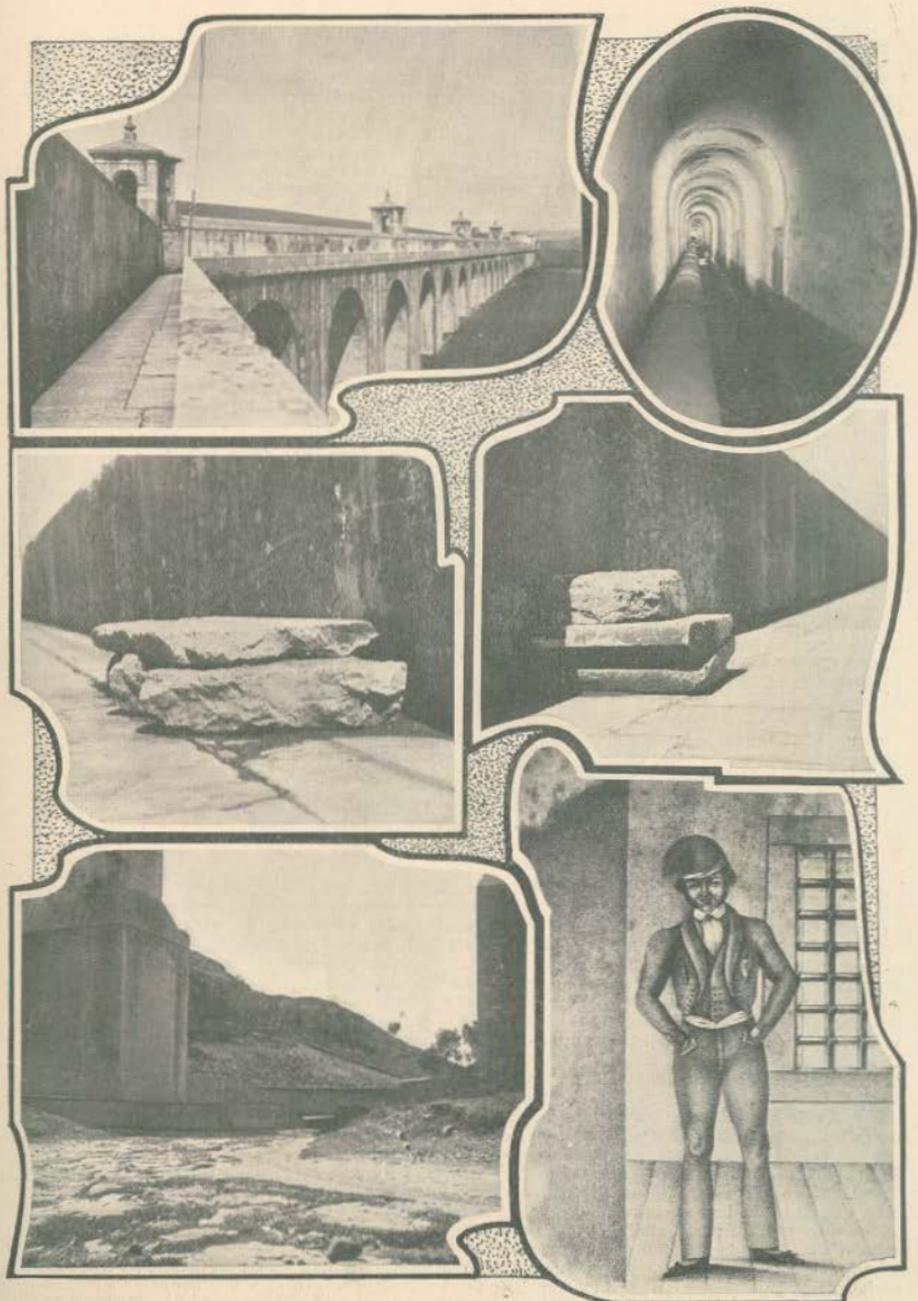
Os grandes bandidos ◎ Diogo Alves e a sua quadrilha ◎ A *Parreirinha* taberneira ◎ Os crimes nos Arcos das Aguas Livres ◎ Uma creancinha a aff. gar o bandido ◎ A morte da estanqueira da Estrella ◎ Uma chacina na rua das Flôres ◎ Como se assassina um cumplice ◎ Uma filha a accusar a mãe ◎ As ultimas palavras d'um facinora na forca

Sem marcarem o genio no crime como Fra-Diavolo, Cartouche e João Palomo, sem o donaire romantico do italiano, sem o furor de se enluvarem no sangue, morbida ancia do francez, sem os rasgos feros do hespanhol d'este trio de bandidos de fama universal, Diogo Alves, João Brandão, o Remexido e o José do Telhado, destacam entre os facinoras de mediana envergadura, tendo no emtanto o ultimo mostras de salteador d'outra craveira ao embuxar a sua espingarda com ares de quadrilheiro novellesco.

Diogo Alves — o *Pancada* — gallego do Lugo, herculeo e feio, antigo boleeiro ao serviço dos Penalva, Castello Melhor e Belmonte, envereda para o crime ao amancebar-se com a *Parreirinha*, megera de má nota, dona d'uma tabernoria immunda á esquina da azinhaga das Aguas Boas, no caminho de Palhavã. Falhos de sensibilidade e de dinheiro, emparceiraram, metteram-se a combinar proezas e elle entrou a sahir á frente dos caminhantes na estrada, então franca, dos Arcos das Aguas Livres. Anichava-se nas minas, espreitava os que passavam e em passos leves de arteiro, lançava-se sobre as victimas, enclavinhava as mãosorras rijas nas gargantas dos viandantes e quando elles desmaiavam revolvia-lhes as algibeiras, rasgava as orelhas das mulheres para lhes tirar os brincos, empuxava fortemente os homens e depois erguendo-os, fincando o pé n'uma lage arrancada dos arcos, arremeçava-os de chofre para a minguada ribeira d'Alcantara que corria lenta sob a arcaria maior do aqueducto.

Por vezes ainda descia, acoxava-se a remexer nos corpos esmigalhados, no silencio das noites, e até d'uma occasião atirou do alto uma creancinha que lhe sorria depois de arrojar abaixo a mãe, que ficou na leva mansa do riacho descomposta e com o craneo fendido. Mas desde que um caseiro da quinta da infanta D. Isabel Maria lhe mostrára uma pistola aperrada, o bandido receoso de ser descoberto deixou essas expedições e fechando a taberna foi morar para a calçada da Estrella, 38, no andar por cima de Antonia Maria, que tinha fama de amealhar grossos dinheiros. Por uma noite feia de janeiro, com o *Pé de Dança*, ladrão mesureiro e janota, cavaram um corte no tecto da lojeca, desceram e amarraram a estanqueira ao leito, ladeando-a de navalhas em punho. Queriam saber do dinheiro aferrolhado e ella, a sentir o aperto das cordas nas carnes flacidas, rasgadas pela pressão, gaguejou tudo lavada em lagrimas que o sangue apagou ao escorrer d'uma ferida larga feita com uma pancada rija na sua cabeça encanecida. Levaram um conto de réis em moedas e deixaram-na estatelada, morta, desfigurada, os miolos collados na parede sob um crucifixo de metal azebrado.

O Diogo Alves formou então quadrilha, arregimentou com Claudino Coelho, o *Pé de Dança*, mais uns militares, o Antonio Palhares, soldado do 7 de infantaria, e o *Beiço Rachado*, tambor do 10, um tal José Lopes — o *Apalpador*, — João das Pedras — o

Aqueducto das Aguas Livres

Galeria lateral onde Diogo Alves esperava quem passasse—Interior do Aqueducto das Aguas Livres—Pedra onde Diogo Alves punha os pés para precipitar os roubados (lado sul)—Pedra onde Diogo Alves punha os pés para precipitar os roubados (lado norte) —Ribeira que passa por baixo do arco grande do Aqueducto para onde Diogo Alves arremessava as suas victimas—Diogo Alves

Enterrador. — Fernando Baleia e o Cosme aguadeiro, além d'um Antonio Martins, estabelecido com celleiro na praça d'Alegria. Começaram os assaltos na cidade, anavalharam gente pelas esquinas, roubaram estabelecimentos, sahiram nas estradas e tudo que arranjavam era distribuido n'uma casa d'Arroyos onde o chefe se installára com a amasia.

Em setembro de 1839, quatro homens da quadrilha, entre os quaes iam o *Beiço Rachado*, o Palhares e o Diogo Alves, entraram por intermedio do Martins do celleiro em cumplicidade com Manuel Alves, primo d'este e creado do dr. Pedro d'Andrade, um avarento sordido, morador na rua das Flôres, 16. O medico fôra para Carcavellos; em casa ficára a familia Mourão que elle sustentava mantendo amores com a mãe das meninas, viuva ainda frescal que lhe aturava os impertinentes achaques e as economias vis para poder educar os filhos. José Mourão, o filho mais velho, mettera-se a piloto e regressára n'esse dia d'uma viagem e o velho doutor para não se encontrar com elle fôra espairecer para Carcavellos escapando assim á morte.

Era já tarde; a familia estava ainda á mesa quando os ladrões entraram. Havia um largo silencio na rua e elles com uma ousadia enorme amordaçaram e amarraram as senhoras, derrubaram com uma bordoada o rapaz, correram a casa d'alto a baixo a enfardelaram as peças depois de terem esmigalhado as cabeças das pobres mulheres e de lhes calcarem os estomagos. Os cadaveres appareceram no dia seguinte informes ao lado da mesa derrubada, os miolos misturados com a comida espesinhada, n'um destroço selvagem. Com ancia, os bandidos tinham arrombado o cofre, enchido as algibeiras de dinheiro, ás mãos cheias, e só deixaram a casa quando ouviram na rua o barulho d'alguns catraeiros do Caes do Sodré que anavalhavam marujos inglezes bebedos e amigos de rixas.

Craneo de Diogo Alves

Foi o padeiro que fornecia a casa quem deu pelo crime, ao dealbar; encontrou aquelle horror e correu espavorido a contal-o. Suspeitou-se do creadito Manuel Alves, soube-se que elle era primo do dono do celleiro da Alegria e logo se pôz á prova o bandido, que se sahiu bem do interrogatorio.

Mas o rapazelho, pouco afeito ao crime, chorava noite e dia, parecia desejoso de se confessar aos juizes e então a quadrilha deu-lhe a sua parte no roubo, arranjou-lhe um passaporte, embebedou-o n'uma ceia de despedida em casa de Diogo Alves e lá por deshoras, quando elle dormia fatigado, assassinaram-no, crivando-o de navalhadas e enterrando-o de seguida. Assim se calava o cumplice; fazia-se uma obra de silencio. Porém, dias depois, o *Enterrador* assaltava uma casa na Costa do Castello, era apanhado em flagrante e confessava os crimes da quadrilha. Foram logo presos os facinoras e viu-se então, n'uma sala do convento dos Paulistas, deante do juiz Rangel de Quadros, uma scena extranha e sem egual.

A filhinha da *Parreirinha*, que contava apenas 11 annos, disse aos juizes na sua vozinha doce todos os crimes da quadrilha, falou dos tempos em que vivera com o pae, um operario do contracto dos tabacos, das noites que passara de vela receando ser morta, do dinheiro roubado que ouvira tilintar, das vestes manchadas de sangue que tinham queimado e finalmente de certa vez em que a mãe propuzera a sua morte receando a sua delação. Fôra um horror. O padrasto inclinára-se sobre o seu leito, applicára o ouvido e dissera: Está a dormir! Assim escapára e mais o irmãosito ás mãos do assassino. E n'aquella sala cheia de gravidade, a voz da creança subia sempre em accusações por entre as imprecações da mãe ao vêr-se condemnada a degredo perpetuo com o resto da quadrilha, da qual só Diogo Alves, Antonio Martins, o *Beiço Rachado* e o Palhares foram levados á forca.

As creanças ficavam ao abandono, mas D. Maria II protegeu-as, salvou-as, deixou-lhes aberto um caminho de felicidade e do esquecimento.

Quando o *Beiço Rachado* e o Palhares foram a suppliciar, o primeiro ia cabisbaixo, o segundo berrava, insultava os padres tregeitava obscenidades, pedia quartilhos por todas as tabernas desde o Limoeiro ao Caes do Tojo e morreu a vomitar vinho e invectivas por uma manhã chuvosa, em dezembro de 1840. Dois mezes depois, em fevereiro de 1841, Antonio Martins e o Diogo Alves tiveram a mesma sorte. Pelo caminho o povo apupava-os, lançava-lhes improperios e elles, entre o padre Salles e o prior de Marvão, iam silenciosos, cheios de medo. Na forca, o Diogo Alves, perguntou:

— É aqui?!

Era ali. O carrasco encavalgou-o, atirou-se escanchado nos seus hombros para o vacuo e a turba em roda applaudia por sobre as bayonetas luzentes da soldadesca.

Uma familia de salteadores ◎ O José do Telhado ◎ O assassino salvando a vida a Sá da Bandeira ◎ Um ladrão commendador da Torre Espada ◎ O facinora galanteador ◎ Como se rouba um beijo e trinta mil cruzados ◎ As aventuras do José do Telhado ◎ Camillo Castello Branco e o bandido ◎ Como o salteador esmola ◎ A sua vida em Africa.

Os enteados de Diogo Alves escaparam á má sorte como se abrissem uma clareira na floresta

de crimes para onde os conduziam, mas já o José do Telhado não conseguiu quebrar os maus fados da familia apesar de anciar por ser honesto.

Joaquim do Telhado, o pae do bandido famoso da dynastia criminosa, saltára á estrada; seu tio, o Sodiano, fizera mais d'um roubo e d'um assassinio nas asperezas bravas do Marão. Elle buscára honestisar-se; seu irmão era chefe d'uma quadrilha e o José preso pelos lindos olhos d'uma prima fizera-se trabalhador e acabára por sentar praça de soldado em lanceiros. Era um mancebo esbelto, alto, sempre loução de trajar, a jaqueta alamarada de prata, as botas de polimento bem apresilhadas nas pernas musculosas que domavam os galões dos cavallos. Batera-se em Chão da Feira e em Ruivães á vista de Saldanha e de Schwalbach, barão de Setubal.

N'um d'esses ataques o Schwalbach, que o levara por ordenança, dissera-lhe no mais acceso do tiroteio:

— Chovem balas, meu rapaz!

— Deixe chover, meu general... Cá vou abrir o guarda chuva! — volveu a altear a lança, e empinando o cavallo.

Seguiu o general na emigração para Hespanha e á volta casou com a prima que lhe levou em dote umas geiras e uns saquiteis de moedas. Mas fervia-lhe o sangue. Ia ás romarias escanchado em bons cavallos, varria as feiras, creava fama de valente e em 1846 armava á sua custa um bando que offerecia á Junta do Porto. Foi com Sá da Bandeira para Val Passos; viu as tropas revoltadas, assistiu a uma tentativa contra o general e salvou-lhe a vida. D'uma moita cerrada faziam um fogo rijo contra o heroico maneta; elle viu as armas apontadas, empuxou fortemente as redeas do cavallo que o seu commandante montava, obrigou-o a saltar um vallado ao mesmo tempo que as balas se crivavam na parede onde se acolhera. Depois, fere d'esporas a sua montada, corre para os assaltantes, desmonta um, mata o outro, fere o terceiro e vê uma debandada. Quando voltou arquejante e com a lança tinta de sangue viu Sá da Bandeira estender-lhe a mão, depois prender-lhe no peito da farda a sua commenda da Torre Espada.

José do Telhado

Ao terminarem as guerras o José do Telhado estava pobre. Pediu um emprego, sollicitou um auxilio; os filhos estavam sem pão e, compulsando as suas forças, tomou o commando da quadrilha do irmão que assolava o Douro.

Em 1849 assaltou a casa de Maciel da Costa, em Macieira; era em dezembro, chovia, a agua batucava nos telhados emquanto elles enfardelavam o dinheiro e as pratas, feriam o dono da propriedade e deixavam o creado amarrado e com o credo na bocca.

Soube-se da aventura e levantou-se-lhe processo. A mulher ao saber do caso quiz suicidar-se com os filhos e então elle chora a sua sorte, jura ser honrado, embarca para o Brazil na barca *Oliveira*, vagueia pelo imperio sem eira nem beira e volta desalentado, cheio d'odios aos ricos. Apparece então o bandido com seu geito romantico. E' um ladrão á Schiller, philosopho, precursor dos vingadores da *Mão negra*. Assalta os ricos, farta-se de dinheiro e ao topar no seu caminho algum lavrador seco pobre, dá-lhe moedas que elles acceitam de rastos, rouba juntas de bois e leva-as aos casaes necessitados, cria como uns fermentos justiceiros de distribuidor das riquezas, mas guarda ao mesmo tempo a nota d'um bandido de pouca iniciativa. No campo da revolta é o salteador inculto com vagos arrancos de personagem de romance.

N'um assalto que fez em Carrapatelo, sabedor da morte de certo ricaço, vae como para desanojar, a familia e espatifa com uma coronhada o labrego que lhe abriu a porta. Um outro servo succumbe com um tiro e elle, entrando em casa, achega-se á beira do caixão para onde os seus homens tinham conduzido a familia do morto. As senhoras tremem, rojam-se, dizem a soluçar onde está o dinheiro, trinta mil cruzados, que elle manda carregar, mas como visse um dos ladrões deitar mão d'um annel que uma das donas tirava do dedo, empurrou-o com furia, curvou-se, entregou a joia, deu um beijo na pobre senhora que chorava e exclamou com um ar trocista:

— Fiquem quietas para serem gentis!...

Disse e deu duas voltas á chave, saltou o muro, encavalgou a montada e partiu n'um galope.

Mas nem sempre o José do Telhado era assim amavel.

Guardava culto á belleza n'um instincto d'antigo militar e de homem garboso afeito a boas fortunas, mas ao topar no seu caminho corpos aleijados, rostos feios, gente ridicula, fazia-se chasqueador e assobiava phrases ironicas que feriam tanto como a ponta da sua navalha.

Em Paradella ao vêr uma velha chorar pelo seu dinheiro já embolsado pelos facinoras, berra:

— Cale-se, mulher... Se você nem pode comprar com elle uma cara mais bonita!...

Em Sousas manda amarrar tres homens como um só fardo, saqueia a casa das sr.as Pinto de Carvalho e sahe á gargalhada ao vêl-as debaterem-se. Salva da morte o padre Abilio Teixeira que um dos quadrilheiros queria esbandulhar emquanto os outros entrouxavam a sacerdotal baixella.

Ao mesmo tempo que fazia tudo isto, deixava bastas vezes o seu fojo na serra e vinha beijar os filhos; outras dormia nos povoados e pagava como um principe a sua hospedagem. Se acaso era surprehendido tinha sempre um acto que o celebrisava como d'uma vez em Mancellos, apparecendo de surpreza a tropa que acorrera em massa ao sitio onde elle se mostrava, fugiu por uma porta trazeira para se embuscar no caminho e fuzilar o regedor que o denunciára. Outra noite a mulher acorda-o em sobresalto e diz-lhe que está cercada a casa; veste-se com socego, põe o relogio, dá ordens ao creado para lhe levar o cavallo a certa estalagem e abrindo uma janella pergunta aos soldados:

— Que tal está a noite?!...

E logo se atira para cima d'elles, dizendo-lhes de espingarda apontada:

— O primeiro que se mexe morre!...

Foge e de largo torna n'um tom de bonhomia:

—Olé! Cá ficam uns pintos para beberem á minha saude!... —e deixa o dinheiro sobre um muro do caminho que a tropa seguiria.

N'uma feira em Villa Meã ao despejar uma canada de vinho vê o povo correr em massa para elle. Puxa do varapau, lança-se no meio da turba, espanca-a, abre cabeças, derruba um lavrador que vae na sua egua e d'um salto escancha-se na sella, partindo á desfilada a dizer de longe, tirando o braguez n'um gesto theatral:

—Até outra vez!...

Depois desmonta a meio do caminho, entrega a egua a um homem que passa e pede-lhe para entregar o animal ao dono, accrescentando:

—E se quizer alguma cousa do José do Telhado é só mandar!

Ganhava cada dia mais fama, fazia cada vez mais crimes e maiores presas; receava-se passar nas terras durienses, porque elle as infestava com a sua quadrilha.

Um commerciante do Porto, Bernardo Machado, indo de jornada para Cerva, encontrou no seu caminho um cavalleiro bem vestido ao qual fez as suas confidencias ácêrca do medo que levava do José do Telhado. O outro collaborava nas idéas do companheiro, falava mal do bandido e dizia receal-o devéras. Decidiram acampar n'uma estalagem; jantaram bem e por fim o outro disse que ia seguir caminho.

—Veja se encontra o assassino... Cautela!...

Encolheu os hombros e partiu a galope. O commerciante quando quiz pagar a conta ouviu pasmado a estalajadeira dizer-lhe:

—Já está paga pelo seu amigo!

—Amigo?! Mas não o conheço... Quem é elle?!..

—O sr. José do Telhado... volveu a mulher a sorrir toda satisfeita.

Os roubos já não tinham conta; andavam as tropas em seu seguimento e elle destroçava-as como um guerrilheiro audaz. Mas d'uma vez foi ferido por uma bala ao acoutar-se n'um sitio que julgava desconhecido dos soldados. Comprehendeu como fôra trahido por um tal João Pequeno, assim chamado por antiphrase, pois era valentão, herculeo e o mais possante da quadrilha. Receoso do chefe, o delator fugira para a sua casa da Lixa. Uma noite bateram-lhe á porta e ao abrir reconheceu o José do Telhado, que dizia serenamente:

—Venho arrancar-te a lingua!..

—Vamos a isso!...

A lucta foi terrivel; apagaram a vela, travaram-se em combate e no dia seguinte o João Pequeno apparecia com a lingua cortada, atravancado na porta do casebre onde se juntara a villa em peso. De repente ouve-se uma galopada e apparece o bandido a bradar:

—É assim que se calam os bandalhos traidores!...

E partiu a toda a brida, o varapau sobre a crina, a espingarda collada no arção.

Aquillo não podia continuar. Foi denunciado quando queria fugir para o Brazil na mesma barca *Oliveira* que o levára n'outro tempo. Arrancaram-no do porão e conduziram-no á cadeia entre trinta bayonetas que a cavallaria rodeava.

João Brandão

Na Relação fazia bem a todos. Dava cabo de seiscentos mil réis que levára a soccorrer a gente das enxovias e os degredados que iam nas levas. A sua casa estava ao desbarato. Não tinha um real; já não podia pagar ao advogado Marcellino de Mattos, que o defendeu de graça.

Camillo Castello Branco estava então na cadeia por um delicto d'amor e o José do Telhado affeiçoara-se-lhe; uma vez ao saber que um tal Cruz fôra peitado para assassinar o romancista, socegou-o, dizendo-lhe, cofiando as suas bellas barbas negras e com o olhar acceso em ira:

—Se lhe tocarem não chegam tres dias e tres noites para enterrar os mortos.

Por fim foi para o degredo perpetuo. Soltava rugidos na enxovia ao despedir-se da mulher e dos filhos e já entre a escolta teve que pedir um vintem para cigarros, elle que dera tantas esmolas, salvára a vida a Sá da Bandeira e fôra commendador da Torre Espada.

Sedento de sangue, bateu-se em Africa, ganhou consideração ao chacinar os negros que o temiam e lhe guardam ainda respeito á sepultura. Morreu pobre, porque soccorrendo de lá a mulher, distribuindo o que lhe sobrava, sem entrar em negocios, pouco amealhou, ao invez d'outro bandido de peor especie, o João Brandão, terror da Beira.

Um assassino protegido pelos politicos ◎ João Brandão e a sua familia ◎ Proezas do facinora ◎ O atirador ◎ Rodrigo da Fonseca, Loulé e Costa Cabral servindo-se de João Brandão ◎ A morte d'um juiz ◎ Um salteador que nomeia auctoridades ◎ A morte do ferreiro de Candosa ◎ O assassino querendo salgar um homem ◎ A morte do padre Portugal ◎ Como João Brandão foi preso ◎ Protecções escandalosas a um quadrilheiro

Este Brandão, dos de Midões, o mais celebrado, sobrepassou o pae, Manuel Brandão, e os irmãos Roque e Antonio em crimes d'alto bordo. Era um assassino de raça com o seu ar de pessoa de teres, honesta, de bom intimo. No fundo um malvado,

fazendo gala das suas proezas facinorosas entre a malta da sua laia.

Era um atirador sem parceiro no sitio, mas tendo um emulo no ferreiro da Candosa, homem de pontaria certeira e bofes de valente. O João Brandão gostava de mostrar as habilidades. Em pequeno apedrejava os irmãos, gostava de os vêr feridos, depois entretinha-se como o infante D. Francisco de Portugal a fazer alvos dos transeuntes. Assim derrubou a tiro d'uma arvore o seu afilhado, que não quiz avisar de viva voz, quebrou braços a diversos viandantes, e amaltado com uma gente de má pinta, o Cerveira, o Calixto Lourenço, o Lima Valentão, o José de Mattos, alcunhado de *Faca de Matto*, — com mais outros e os irmãos Antonio e Roque, entrou a sahir á estrada. O pae servira certos politicos, o João Brandão enfeudára-se tambem a elles e Rodrigo da Fonseca, Costa Cabral e Loulé bastas eleições ganharam mercê do bacamarte do bandido que fôra capitão da guarda nacional de Midões e louvado em tres portarias por zelador da tranquillidade da Beira — diziam os ministros — quando só elle a turbava.

As suas victimas foram sem conto durante o tempo que assolou as terras beirôas; atacou certa vez um padre ao qual fez voar o chapéu a tiro; sahiu-lhe ao caminho e ao vel-o de joelhos supplicante e pasmado roubou-o. O *Faca de Matto* cortou-lhe a orelha esquerda e o padre desfechou a sua pistola contra o bandido, sem o alcançar, mas ficou na estrada crivado de balas. Assim foi assassinada mais gente no Carregal, em Gouveia, em Tindello, além do ferreiro da Candosa, d'um irmão d'este e do juiz Nicolau Baptista, de Midões.

Os governos respeitavam as determinações de João Brandão nas nomeações das auctoridades locaes; elle chegava a ir com os cabos de policia e com os regedores acardumar votos para os ministeriaes e d'ahi a sua extranheza ao vêr que o juiz da sua terra não queria pôr pedra n'um processo por homicidio em que estava implicado um padre seu amigo que lhe pagára o abafamento da queixa. Fez uma espera ao magistrado, assassinou o apesar d'elle querer redimir a vida a dinheiro e foi de seguida roubar-lhe a casa. Costa Cabral, interpellado no parlamento, mandou uma escolta prender o Brandão, mas em numero insufficiente para o feito, e como certo creado do novo juiz guiasse os soldados na diligencia, elle, ao sabel-o estabelecido em Vizeu, frente ao Arco das Freiras, agarrou-o por uma tarde, fel-o amarrar pela quadrilha e mandando encher um alguidar com vinagre e sal, como se fôsse rasgar um cevado, dispôz-se a assassinal-o quasi diante das auctoridades, que mudavam de caminho como feitas com o bandido. A mulher e os filhos do desgraçado rojavam-se, choravam, pediam a vida do pobresito que soluçava tambem. Em volta havia gargalhadas.

— Vão buscar matto para chamuscar este patife! — gritava elle todo satisfeito.

Mas o irmão Roque chegou, disse-lhe que o homem devia morrer d'outra maneira. Seria melhor espostejal-o e atirar os bocados pela cidade. Consentiu e entregou-lh'o, mas o irmão do facinora deu-lhe fuga.

Sabedor do caso, Brandão, tomado d'uma furia doida, corre por Vizeu d'espingarda engatilhada em busca do irmão para o assassinar, mas o pae, avisado por um amigo, vem acabar com semelhante designio do filho mais velho.

O ferreiro da Candosa atrevera-se a formar um bando para perseguir o facinora, que mandou nota ao governo dos proprios crimes dizendo-os praticados pelo outro; recebe ordens para o perseguir, junta-se com as auctoridades, cerca-lhe a casa que é defendida a tiro certeiro pelo ferreiro. Finalmente uma bala aloja-se-lhe no braço, elle consegue ainda fugir e esconde-se em casa da amante no logar de Moura. É ali que o chacinam, trazem-no para a rua, atravessam no n'uma mula e obrigando o irmão do morto a segurar o cadaver veem pelos caminhos apregoando carne de marrã fresca, pisando-lhe o sangue que escorria, rindo do caso e ao lampejar do sol crivaram-no de balas e deixaram-no no caminho, levantando as auctoridades um auto que o Brandão dictou. Tempo depois foi morto o Miguel Nunes, irmão do ferreiro; depois o padre Portugal, cuja casa foi assaltada pela quadrilha mascarada.

O padre estava no leito; ao vêr aquella gente irromper no quarto, pôz-se de joelhos, disse onde tinha o dinheiro, pediu perdões que elles não escutavam. O chefe da quadrilha deu-lhe um tiro e fugiu, mas o sacerdote mesmo no estertor dizia julgar tel-o reconhecido.

O João Brandão fez-se a monte; a quadrilha dividiu-se e foi atacar gente por essas gargantas da Beira, sendo no emtanto agarrados alguns dos homens, escapando d'essa vez o *Faca de Matto* que só vinte annos depois foi preso no Cadaval, onde aguardava a prescripção do crime.

O «Remexido»

O João Brandão, seguro com a protecção das auctoridades, lembrando-se que os ministros lhe tinham enviado outr'ora armas e munições para fazer uma bernarda politica na Beira, tendo cartas d'alguns e confiando n'outros, foi abrigar-se em casa do parocho da Lourosa, onde uma noite lhe deram caça. Ao saltar d'uma janella torceu um pé e assim o agarraram e levaram á cadeia. Foi condemna-

do á morte, mas logo a sentença foi commutada em degredo perpetuo para a Africa oriental, sendo presidente do tribunal o dr. Celestino Emygdio e presidente do jury o actual conde de Valenças.

Ao ouvir ler a condemnação, exclamou:

— É uma injustiça!... É uma vingança politica!...

Riram-se-lhe na cara e elle rouquejou:

— Se eu volto, pagar-me-hão tudo!...

Não voltou. Enriqueceu por lá á sombra das protecções dos amigos politicos que lhe souberam pagar as eleições ganhas, os serviços prestados, as mizeraveis acções estendendo sobre a sua cabeça de facinora o manto do governo escandalosamente afeito a cobrir cousas de ruim jaez.

Quem era o «Remexido» ◎ Um seminarista assassino ◎ A guerrilha do Homem da Serra ◎ O duque da Terceira e o «Remexido» ◎ Como d'um militar nasce um salteador ◎ Represalias dos constitucionaes ◎ Os crimes do «Remexido» ◎ A sua morte ◎ O que seria o facinora se D. Miguel de Bragança tivesse vencido

O João Brandão quiz passar por preso politico, como annos antes o *Remexido*, porém este com maior razão.

José Joaquim de Sousa Reis, o *Remexido*, foi, como *Fra-Diavolo*, seminarista e guerrilheiro ao serviço do absolutismo. O italiano defendeu Maria Carolina, de Napoles, o portuguez levantou a bandeira branca de D. Miguel de Bragança. Nasceu em Estombar, no Algarve, prégara e versejára no seminario onde andára a expensas d'um tio, prior d'Alcantarilha. Mas no dia da sua ordenação, tentado pelos lindos olhos d'uma menina em cuja familia havia mais d'um desembargador, mandou a sotaina para um canto, vestiu a farda d'alferes dos terços e casou se. Entrou a correr-lhe bem a vida; os filhos vinham alegrar o casal; elle servia ás ordens de Modellos em 1819 e Terceira quiz fazel-o constitucional em 1833. Mas o *Remexido*, fiel ao seu rei, fez-se guerrilheiro, entrou a assolar o Algarve; enquadrilhou se nas serranias e lá acceitava as batalhas com um denodo bravo de soldado de bom sangue. Dizia-se que elle roubava para sustentar a guerrilha, aquelles cento e oitenta e cinco homens que se lhe tinham devotado; apprehendia as bagagens dos constitucionaes e ao vêr-se culpado da morte de bacharel Almeida Coelho, que fôra roubado, descobriu os verdadeiros criminosos, gente da quadrilha d'um tal *Trovoada*, e fuzilou-os. Os adversarios vingavam-se; lançavam fogo á casa onde a sua familia vivia em S. Bartholomeu de Messines, quebravam os sinos que tinham repicado pelas victorias realistas e elle tirava por sua vez desforços que ficaram celebres: passou nas aldeias e chacinou-as, incendiou-as, saqueou-as.

Chegava por este tempo a convenção de Evora Monte; lançavam pregões para elle se apresentar em tres dias, mas ao mesmo tempo recebia aviso de que o tentavam assassinar. Mandou então seu filho, uma creança ainda, a saber novas, e tempo depois elle voltou a narrar-lhe horrores. Tinham-no mettido n'um carcere onde lhe negavam a comida, sua mãe fôra condemnada á praça publica e recebera palmatoadas dadas pelo carrasco, suas irmãs soffreram tambem prisão e elle, ao evadir-se, chegava n'aquelle estado, esfomeado, roto e espancado.

Remexido, a quem já chamavam o homem das serras, devorou com lagrimas a affronta. A sua guerrilha estava dissolvida e então procura alguns foragidos, junta quarenta e cinco e do soldado nasce o ladrão d'estrada. Assalta o cofre do Contracto dos Tabacos, rouba casas fidalgas, entra em S. Bartholomeu de Messines e vinga pelo assassinio os que tinham denunciado sua mulher, alarga-se pelo Alemtejo e incendeia casaes, ataca a cadeia d'Ourique para dar fuga a um dos seus homens, entrega-se a todos os excessos e commette centenas de mortes e de roubos. Entretanto assassinavam-lhe um filho de 15 annos. A represalia não se fez esperar; lançou-se como uma fera sobre os constitucionaes que apanhava e como a vida lhe era difficil, sempre mettido pelas serranias, deixa-se de escrupulos. São as malas postas assaltadas, os passageiros assassinados, os haveres conduzidos pela quadrilha, são as emboscadas feitas no mysterio das noites, as mulheres violentadas, as casas incendiadas, são todos os delictos menos o sacrilegio, porque o bandido nascido do homem de guerra ia varias vezes ouvir missa, unctuosamente, entre o seu bando.

Refugia-se então mais no amago das serras ao saber-se denunciado e n'uma tarde vê-se cercado por um exercito. Reconhece o coronel Fontoura que o commandava; aperra a espingarda, grita-lhe:

— Não me rendo...

Os soldados recuavam e elle via a sua gente a cahir em volta fuzilada pelas costas. Já não tem munições e então rende-se e vem entre a tropa, insultado nas aldeias por onde passava, apupado, sentindo a lama que lhe atiravam e ao comparecer no tribunal diante do barão da Ponte de Santa Maria, diz:

— Vejo que me esqueceram aquelles que ha pouco me soccorriam.

O conselho de guerra condemna-o á morte; elle escreve ainda ao filho e na manhã de 2 de agosto de 1838 encosta-se á parede do campo da Trindade, em Faro, onde recebe as balas do pelotão commandado pelo alferes Miguel José da Silva.

O filho do «Remexido»

O filho quiz continuar as tradições paternas, mas a quadrilha dissolveu-se e veiu morrer mizeravelmente no hospital da Mizericordia de Faro. Tinha 19 annos. Se acaso D. Miguel tivesse vencido na lucta, o *Remexido* seria nomeado brigadeiro, commendador da Torre Espada e teria iniciado talvez um ramo de nobreza vinda da sangueira e da rapina.

E não seria o primeiro de tal procedencia. Assim se rehabilitaram muitos facinoras e entre elles o salteador Giraldo Giraldes, aquelle que a historia saúda sob o nome heroico de Geraldo, *O Sem Pavor!*...

ROCHA MARTINS.

A mais importante casa de automoveis em Portugal

A. BEAUVALET & C.TA

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis.

Praça dos Restauradores — LISBOA

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e peningney d'A

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

O Licor Vegetal

Produzindo sempre curas verdadeiramente maravilhosas!!

O ex.mo sr. LEOPOLDO DA SILVA FREITAS, morador na rua dos Ferreiros—Funchal—(Ilha da Madeira) auctorisa-me a publicação da seguinte carta que d'elle recebi:

«Ill.mo sr proprietario da Pharmacia Brazileira—Largo de S. Domingos n.º 15 Lisboa.

Felicitando-me a mim proprio pelos magnificos resultados que obtive com o uso de 17 frascos do seu «LICOR VEGETAL» na cura das minhas enfermidades (ULCERAS NAS PERNAS E ESCROPHULAS) que ha bastantes annos me faziam soffrer horrorosamente; e n'estes ultimos tempos me impediam o andar, felicito-o tambem pelo seu valiosissimo medicamento que me restituiu a alegria e a saude; testemunho-lhe assim a minha gratidão pelas inequivocas provas que durante o periodo do meu tratamento recebi com as suas elucidantes cartas. PODE, SE ASSIM O ENTENDER, publicar esta, que, verdadeiramente sincera, servirá de estimulo aos infelizes que ainda não tiveram a dita de fazer uso do seu milagroso remedio».

AQUI FICA MAIS OUTRA VEZ bem patente o maravilhoso e seguro resultado do «LICOR VEGETAL» da Pharmacia Brazileira na cura das molestias acima indicadas, bem como: RHEUMATISMOS—ECZEMA — HERPES — INFLAMAÇÕES DOS OLHOS — UTERO E OVARIOS — MENSTRUAÇÕES IRREGULARES—MORPHEIA e muitas outras dimanadas do sangue impuro.

E' ESTE na actualidade, o purificador do sangue, que mais justificada fama goza pelas constantes e maravilhosas curas que está operando.

Preço—1 frasco, 1$000 réis, 7 frascos, 6$000 réis.
Para a provincia o PORTE É GRATIS.
Os pedidos devem ser feitos assim:

PROPRIETARIO DA

PHARMACIA BRAZILEIRA

Largo de S. Domingos, 15 — Lisboa

Cuidado com as imitações ou falsificações

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 400 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

Bicyclettes

A casa «Simplex» a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Lluen. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade do fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e do quadro tracejado que se vendem a preços sem concorrencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra. AUGUSTO VIEIRA, R. de Santo Antão, 4.—Lisboa.

Livraria editora Viuva Tavares Cardoso

5, LARGO DE CAMÕES, 6—LISBOA

PUBLICAÇÕES RECENTES:

A ARRAIA MIUDA—Romance historico por Faustino da Fonseca. E' o romance d'amor de uma rude filha do povo, que se bate em plena revolta contra o o paço, quando a *Arraia Miuda*, a pittoresca multidão do seculo XIV, d'essa Lisboa habitada por «muitas e desvairadas gentes», realisa a unidade nacional contra as castas sacerdotal e guerreira, vendidas ao estrangeiro; expulsa uma rainha e elege um rei. Livro de absoluto rigor historico, mostra as grandes figuras do passado como simples representantes da vontade collectiva, e o seu esforço como a somma do esforço de uma classe social. 1 vol. 600

O «FREI LUIZ DE SOUSA»—(Estudo synthetico), de Garrett, notas por Joaquim d'Araujo, com um prefacio de Theophilo Braga, 1 vol. illustrado de 103 paginas 400

ANGELA PINTO—Esboços, homenagens e apreciações criticas da imprensa brazileira e portugueza e dos principaes escriptores dramaticos de Portugal, 1 vol. illustrado com o retrato da illustre actriz nas peças que tem desempenhado 500

PAISAGENS DA CHINA E DO JAPÃO—Contos por *Wenceslau de Moraes*, 1 vol. profusamente illustrado 600

O TIO JOÃO GIL Chronica d'aldeia por *Barros Lobo* (*Francisco*), 1 vol. 800

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

DIRECTORES EM LISBOA

Lima Mayer & C.ª

Rua da Prata, 59, 1.º

Sedativo Beirão

Anti-dysmenorrheico

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris, vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros, nauseas, vomitos, diarrhea; abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias, que muito complicam as menstruações irregulares. O SEDATIVO «BEIRÃO» actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das *regras* por effeito de resfriamentos, *emoções* ou sustos. O SEDATIVO «BEIRÃO» contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco utero vaginal (leucorrhea).

O SEDATIVO «BEIRÃO» é de grande valor terapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estes visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes; diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O SEDATIVO «BEIRÃO» não é porém [illegible] das molestias [illegible] e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos auctorisados: em Portugal Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167, Lisboa — Pharmacia do Padrão: Rua Formosa, 40, Porto — Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman—Export Droggiste: 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

"O PIPERINOL"

Preparado para dar côr e brilho em moveis, soalhos e lambris, 9m quadrados de soalho por 550 réis!!! que é o preço de cada litro, não tem cheiro algum, substitue todos os antigos preparados d'agua-raz. «O PIPERINOL» (INCOLOR) para dar brilho em parquets, moveis e mais ornamentações em madeiras claras, etc., não lhe alterando a côr, substituindo a cêra e agua-raz *sem cheiro algum*. Applicação facil e rapida. 1 litro para cada 10m quadrados. Instrucções e amostras no deposito unico, **Rua de Buenos Ayres, 35, GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO.**

Alcool de Menthe e Agua de Melissa

Da Abbadia dos antigos Frades Benedictinos de Fécamp

Achamos util submetter á apreciação do publico dois productos do nosso fabrico: o ALCOOL DE MENTHE e a AGUA DE MELISSA, os quaes, pela sua superioridade sobre os similares e graças ás suas qualidades perfeitamente hygienicas, adquiriram em poucos annos fama universal e bem merecida.

Alcool de Menthe Emprega-se como bebida refrigerante; favorece as digestões difficeis; as suas propriedades tonicas fazem d'elle um preservativo poderoso.

Agua de Melissa A agua de Melissa dos Benedictinos da Abbadia de Fécamp é adoptada sobretudo em casos de apoplexia, paralisia, vertigens, flato, desmaios, indigestão, enxaqueca, etc.

Acham-se á venda nas principaes pharmacias, drogarias, confeitarias e mercearias. Desconto aos revendedores.

AGENTES

Wheelhouse & Mackee

R. Augusta, 138, 2.º

LISBOA

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª Accessorios e officinas de reparações, Rua da Escola Polytechnica, 225, 227, 229 e 231, Lisboa.

PEÇAM

EM TODA A PARTE

Aguas mineraes do Monte Banzão — COLLARES

Aguas mineraes do Monte Banzão — COLLARES

R. Arco Bandeira, 216, 2.º

LISBOA